

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Arqueologia e Antropologia
Licenciatura em Antropologia

**A metamorfose da cidade: vivências e práticas quotidianas dos espaços na
“Sommershield II”**

Autor: Anésio da Conceição Ribeiro Manhiça

Supervisor: Elísio Manuel Fernando Jossias

Maputo, Abril de 2016

**A metamorfose da cidade: vivências e práticas quotidianas dos espaços na
“Sommersshield II”**

Autor

(Anésio da Conceição Ribeiro Manhiça)

Trabalho de Culminação de Estudos do Curso de Antropologia da Faculdade de Letras e
Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor

Presidente

Oponente

(Elísio Jossias)

(Hamilton Matsimbe)

(Hélder Nhamaze)

Maputo, Abril de 2016

Declaração de originalidade

Declaro que este relatório de pesquisa é original e resulta da minha investigação. Ao longo do texto e na bibliografia foram indicadas as fontes usadas na elaboração da pesquisa. O presente relatório não foi submetido a nenhuma outra instituição nem está a ser apresentado para obtenção de um outro grau para além daquele a que diz respeito.

Assinatura

(Anésio da Conceição Ribeiro Manhiça)

Maputo, Abril de 2016

Em memória dos meus avôs Adelina
Muianga, AfonsoMaleiane, Ribeiro
Manhiça e Tabasse Xirindza

Agradecimentos

Para mim, o acto de agradecer é uma forma de reconhecer o valor do apoio, atenção, força, encorajamento recebido de diferentes pessoas e em diferentes momentos, com a mesma finalidade, minha formação e elaboração do presente trabalho na base dos critérios científicos. Agradeço ao meu supervisor Elísio Jossias pelas intervenções pontuais no trabalho e pelo estímulo a imaginação etnográfica. Agradeço aos professores do Departamento de Arqueologia e Antropologia por terem em suas aulas transmitido a atitude científica usada ao longo da pesquisa e por servirem de inspiração nomeadamente: Adriano Biza, Alexandre Mate, Danúbio Lihabe, Euclides Gonçalves e Sandra Manuel. Especial agradecimento a Margarida Paulo pelos comentários e sugestões na realização da pesquisa e ao Emídio Gune pelas conversas que ajudaram na reflexão sobre a pesquisa e por ter se prontificado a mostrar algumas avenidas para o sucesso académico.

A Marta Jossias pela orientação e apoio na recolha de informação no Conselho Municipal da Cidade de Maputo, e aos interlocutores de pesquisa com quem partilhei alguns dos momentos das suas vidas, sem os quais este trabalho não seria realizado. Ao grupo “Filhos de Popper” vai o meu muito obrigado pelos momentos partilhados virtualmente e fisicamente enquanto estudante. Obrigado pela cumplicidade e troca de experiências. Agradeço a “Team Sem Preconceito” pelas festas e momentos de descontração. Igualmente agradeço aos colegas de supervisão e do curso. Agradecimento especial para António Chavana pelos comentários e sugestões que ajudaram no melhoramento da pesquisa. Beneficiei também dos comentários de Jéssica Jossias e de Escrivão André no período de pesquisa de campo.

Aos meus pais Laura Maleiane e Sebastião Manhiça; meus tios Adriano Maleiane e Gabriel Maleiane agradeço por todo apoio e incentivo prestado ao longo destes que foram os primeiros passos da minha vida académica. Na mesma proporção agradeço a Aldocema Manhiça, Alzira Jamisse e Fátima Lourenço por terem me aturado, descontraído e garantido ambiente para que a tese fosse escrita.

Glossário

Banca: termo usado no contexto de pesquisa para referir ao estabelecimento comercial, que apresenta no formato de mesa e é feito de madeira.

Bate-papo: termo usado no contexto de pesquisa para referir o acto de conversar.

Bolada: termo usado no contexto de pesquisa para referir aos negócios esporádicos, realizados entre pessoas de sexo masculino. Os objectos que fazem parte do negócio são sapatilhas de marca, computadores, seus acessórios e celulares com seus acessórios também.

Branco: termo usado no contexto de pesquisa para designar pessoas estrangeiras que adquiriram habitação de dois ou três pisos na Polana Caniço A. Este termo é também usado para designar pessoas de origem indiana e de religião muçulmana.

Brother: irmão na língua inglesa. Também usada no contexto de pesquisa para referir-se a amigo próximo.

Bro: é simplificação do termo *brother* que é usado no contexto de pesquisa para designar amigo

Duplexes: termo usado no contexto de pesquisa para designar habitações de dois ou três pisos.

Freestyle: termo usado no contexto de pesquisa para referir os momentos em que as pessoas demonstram suas habilidades na formação improvisada de versos e rimas.

Fofinhos: termo usado pelos interlocutores da pesquisa para referir aos filhos de pessoas de estado económico que permite dar roupas de marca e da moda e aparelhos electrónicos de marca. Estas pessoas são considerados frágeis e sensíveis.

Nindjas: é termo usado pelos interlocutores da pesquisa para designar pessoas do sexo masculino que fazem assaltos e estupram as pessoas do sexo feminino.

Shoots: é na linguagem quotidiana dos interlocutores da pesquisa acto de captar imagem com recurso a máquina fotográfica profissional

Txotxotxo: termo usado no contexto de pesquisa para referir-se a um jogo em que um dos participantes fecha a vista e os restantes esconde-se, depois do sinal de que todos esconderam

este procura um por um. Quando encontra vai ao local em que foi vedado a vista e bate na parede ou árvore caso um dos escondidos bata primeiro este automaticamente devera repetir o jogo.

Pitas: palavra usada no contexto de pesquisa para referir as pessoas do sexo feminino com quem os do sexo masculino casados e solteiros, mantem relações sexuais sem compromisso. No sentido contrário são chamados pitos. Alguns parceiros neste tipo de relação não circulam juntos nos espaços públicos e em convívios familiares.

Lista de Abreviatura

APIE	Administração do Parque Imobiliário do Estado
CMCM	Conselho Municipal da Cidade de Maputo
ONG	Organização Não Governamental
PEUMM	Plano de Estruturação Urbana do Município de Maputo
PPU	Plano Parcial de Urbanização
R8	Residência Universitária Número Oito
TVM1	Canal 1 da Televisão de Moçambique
UEM	Universidade Eduardo Mondlane

Resumo

O presente relatório resulta de uma pesquisa etnográfica realizada entre os habitantes do bairro “Polana Caniço A” com enfoque nas vivências, num espaço que cruza categorias projectadas por instituições administrativas da cidade e noções locais sobre bairro.

Os espaços do bairro “Polana Caniço A” encontram-se em franca transformação em consequência das novas habitações e instituições sociais que desafiam a forma como são pensadas e vividas as noções de espaço e de bairro. A evidência dessas transformações é desaparecimento de características associadas ao nome “Polana Caniço A” e emergência de características associadas ao nome “Sommershield II”.

As experiências históricas de transformação dos espaços da “Polana Caniço A” que no passado recente conheceu outras transformações ao nível das estruturas de construção de habitações, fez emergir o nome “Sommershield II” como designação de um espaço dentro do bairro “Polana Caniço A” que é reivindicado como bairro e que desafia os critérios legais de organização e nomeação dos espaços da cidade de Maputo.

Palavras-chave: *Polana Caniço A, Espaço, Noção de Bairro, Sommershield II*

Índice

Declaração de originalidade	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Glossário.....	iv
Lista de abreviatura.....	vi
Resumo	vii
1.Introdução	1
2. Metodologia.....	5
2.1 Contexto de pesquisa.....	5
2.2 A pesquisa de campo	7
2.3. Técnicas de pesquisa de campo.....	8
2.3.1.Observação participante.....	8
2.3.2.Trajectória individual e das famílias.....	11
2.3.3.Entrevistas semi-estruturadas	11
2.3.4. Registo fotográfico	11
2.3.5.Caminhada.....	12
2.4. Constrangimento da Pesquisa	12
3. Teorizando a cidade	14

4. Das “Casas brancas” ao “Bairro Sommershield II”	16
Sommershield II como Campo de Possibilidade.....	23
5. Dinâmica espacial e sociabilidades	26
5.1. Sociabilidades dos habitantes da Polana Caniço A e Sommershield II.....	27
1º Administração da "Polana Caniço A"	27
2º Fornecimento água e uso de internet sem fio.....	28
3º Segurança.....	30
4º Oportunidade de trabalho.....	32
5.2. As sociabilidades dos habitantes e provedores de bens e serviços.....	33
6. Modos viventes dos habitantes	35
6.1. “Insulto”, “Forte”, “Moluene” “Nindja” e “Pobre”	35
6.2. “Fofinho”, “Chique”, “Rico” e “Intelectual”	37
7. Considerações finais: vivências e práticas quotidianas	39
Referências Bibliográficas.....	41
Referências Documentais	45
Vídeos.....	46

1.Introdução

Sommersshield II ‘pressiona’ e pode fazer desaparecer ‘Polana Caniço’ (...) As construções desordenadas do bairro Polana Caniço ‘A’, na cidade de Maputo, estão a desaparecer e dar lugar à construção de residências de luxo e estabelecimentos comerciais (...) É que o humilde e pobre bairro Polana Caniço ‘A’ e a majestosa e luxuosa Sommersshield II são duas realidades opostas que cada dia que passa, se aproximam e disputam o mesmo espaço.¹

Polana Caniço ‘A’ quem te viu quem te vê, foi com este nome, desde o seu surgimento na década de 1970, que o bairro ficou conhecido por as suas habitações serem predominantemente de caniço e chapa de zinco (...) A transformação da Polana Caniço ‘A’ é irreversível (...) A saída dos moradores vai dando espaço a novas construções.²

Partindo do pressuposto de que os fenómenos decorrentes na cidade são matérias-prima de diferentes profissionais e que o seu uso na pesquisa social enquanto fonte de informação contribui para a visão holística da realidade (cf. Pina Cabral 2006: 189-190; Velho 1978: 110-11), os trechos das notícias citadas em epígrafe são óptimos pontos de partida para análise da dinâmica espacial e implicações na forma como as pessoas vivenciam os espaços da cidade.

Considerando o argumento de Ana Bérnad da Costa (2011) de que a transformação da cidade de Maputo é resultado de criação e dos arranjos sociais dos seus habitantes e o facto de os habitantes serem excluídos das análises sobre transformação da cidade, esta pesquisa tem por objectivo geral compreender a forma de apropriação dos espaços entre os habitantes da “Sommersshield II” a partir das suas vivências e práticas quotidianas.

No alcance do objectivo geral, a pesquisa desdobrou-se na: identificação de normas e valores associados ao espaço e modo de vida dos habitantes da “Sommersshield II”; descrição das formas pelas quais as referências simbólicas são usadas na vida quotidiana e nas interações entre os habitantes da “Sommersshield II” e “Polana Caniço A”; análise das formas criativas de organização social desenvolvidas pelos habitantes em suas múltiplas redes de sociabilidade; e na compreensão das formas em que os habitantes vivenciam os vários espaços e o modo como integram normas, valores sobre o espaço nos seus modos de vida.

¹ Veja “Sommerchield II pressiona’ e pode fazer desaparecer ‘Polana Caniço”. *O País*, 1332 (28.09.2012)

² Veja “De Polana-Caniço só ficou o nome”. *Jornal Notícias*, 29 (15.08.2014)

Em estudos realizados na cidade de Maputo, autores como Costa (2006), Melo (2013), Fernandes e Mendes (2015) e Maloa (2013) consideram que no período colonial a mesma era dividida em “cidade cimento” e “cidade caniço” ou cidade “formal” e “informal”. Estes autores caracterizavam a “cidade formal” por uma estrutura administrativa, instituições cívicas, residências de “classes mais altas”, presença do colono e infra-estruturas em materiais menos vulgares e mais duradouros enquanto caracterizavam a “cidade informal” por habitantes de “classe baixa” e marcado por infra-estruturas erguidas na base de “materiais precários”, um aspecto associado à sua designação como “cidade caniço” (Melo 2013: 76, Fernandes e Mendes 2015: 7). Costa (2011: 5) argumenta que a construção em materiais precários na “cidade caniço” ocorria porque as autoridades coloniais impediam que os “indígenas” erguessem habitações em materiais duráveis.

Actualmente na cidade de Maputo tem-se evidenciado sinais de transformação, notabilizados pela alteração das técnicas de construção, morfologia dos bairros e incorporação de técnicas que condicionam a ocorrência de infra-estruturas mais apuradas. Por exemplo Costa (2011: 1) defende que as transformações ocorridas na cidade de Maputo resultaram da “evolução estética”, do “poder de compra”, da acessibilidade de cimento e da acumulação monetária das pequenas poupanças quotidianas e Jorge e Melo (2014: 65) defende que as transformações da cidade resultam da iniciativa privada em alguns casos apoiados em práticas “clientelistas”.

As ideias defendidas por estes autores ajudam a enquadrar as transformações dos espaços da “Polana Caniço A,” bairro considerado “periférico” no período colonial e alguns anos após independência de Moçambique e classificado por Silva (2011: 31) como “cidade caniço”, por apresentar infra-estruturas erguidas na base de materiais precários com destaque para o caniço. Os espaços da “Polana Caniço A” tem vindo a transformar-se, apresentando novos edifícios em modelo de condomínios e casas de dois e três pisos que funcionam como habitações, instituições de ensino, estabelecimento comerciais e escritórios feitos de material convencional e com organização também diferente, quando comparados com os do período colonial até a década 90.

A transformação dos espaços da “Polana Caniço A” e atribuição da designação “Sommersfield II” influenciou na circulação e interação de pessoas de perfis diferentes. Algumas pessoas no

seu dia-adia circulam da “Sommersshield II” para outros espaços da cidade de Maputo indo ao posto de trabalho, de formação e de lazer e outras circulam de diferentes espaços da cidade de Maputo indo aos postos de trabalhos nas habitações, estabelecimentos comerciais, escritórios, instituições de ensino erguidos e nas obras em construção na na “Polana Caniço A”.

Magnani (2002: 13) argumenta que a transformação da cidade foi estudada como resultado de forças económicas transnacionais, das elites locais, das associações, de *lobbies* políticos, variáveis demográficas e interesse imobiliário. O mesmo autor argumenta ainda que a noção de centro da cidade foi baseada num tipo de cenário de vida pública, preso na dimensão da cidade da alta idade média europeia ou mesmo cidade-estado antiga, cuja centralidade era simbolizada e garantida por algumas instituições que dominavam o espaço público (Magnani 2002: 15). Alguns autores como Low (1996) e Agier (2009) partilham da ideia da existência de tendência em estudar a dinâmica da cidade por meio de acções de pessoas considerados por Magnani (2002: 15) como “competentes” facto que deixa como lacuna a análise da dinâmica da cidade por meio de acções dos habitantes propriamente ditos.

Esta pesquisa torna-se relevante no campo dos estudos antropológicos da cidade por apresentar a noção de identidade como algo negociado na interacção de pessoas de perfis diferentes, uma abordagem que ajuda a compreender as transformações da cidade considerando o chamado urbanismo e influência de factores externos na dinâmica da cidade e dos seus habitantes e aproxima-se de uma antropologia da cidade que privilegia a urbanidade, formas de vida e práticas dos usuários da cidade (Hannerz 1999: Antunes 2009); e por apresentar principais situações e fenómenos que condicionaram a dinâmica da cidade e da vida dos seus habitantes a partir do enfoque relacional e situacional (Gluckman 1987).

A pesquisa de campo foi realizada na “Polana Caniço A” entre os meses de Julho e Outubro do ano 2015 e privilegiou como técnica de recolha e registo de informação a observação directa e participante, trajetórias individuais e das famílias, entrevistas semi-estruturadas e conversas. As informações vinculadas na mídia sobre as transformações da “Polana Caniço A” foram também colectadas e mereceram atenção no processo de análise. Os dados foram analisados na base das abordagens propostas por Gilberto Velho (1994: 40-45) e por José Magnani (2015) que pensam

nas “sociedades modernas” como caracterizada pela interação entre pessoas de “grupos” e “segmentos” diferenciados e pela “troca cultural” que condiciona ocorrência de múltiplas possibilidade de transformação dos “projectos” das pessoas em interação.

O trabalho contempla para além da presente introdução onde dei a conhecer o objecto deste estudo, a metodologia e o enfoque teórico. Dedico o segundo capítulo a metodologia. Começo por apresentar o contexto de estudo. Depois explico como o bairro está organizado e as técnicas usadas para a recolha de dados. Finalmente neste capítulo discuto as limitações da pesquisa. No terceiro capítulo apresento as tendências dos estudos sobre cidade e debruço sobre a postura teórica adoptada na pesquisa. No quarto capítulo apresento breve historial da dinâmica do espaço da “Polana Caniço A” e das vivências dos seus habitantes assim como a forma pela qual o uso da noção de “Bairro” é negociado. No quinto capítulo apresento as sociabilidades emergentes em resposta da dinâmica do espaço da “Polana Caniço A”. No capítulo a seguinte analiso a forma pela qual os habitantes accionam e fazem uso dos nomes “Polana Caniço A” e “Sommersfield II” no dia-a-dia; por fim apresento de forma sintética a tese do trabalho e os respectivos argumentos.

2. Metodologia

No presente capítulo dou a conhecer o contexto em que a pesquisa foi realizada, as técnicas e instrumentos de recolha de informação usados na pesquisa de campo e o tipo de informação as mesmas possibilitaram obter. Apresento também os desafios encontrados no curso da pesquisa e as formas pelas quais foram superados.

2.1. Contexto de pesquisa

A cidade de Maputo ocupa cerca de 167 quilómetros quadrados e é administrativamente organizada em sete distritos municipais, 69 bairros, que por sua vez são compostos por quarteirões e 10 casas. O bairro “Polana Caniço A” compõe os 11 bairros do distrito municipal Kamaxakeni (cf. Resolução N° 19/2000) também conhecido como Distrito Municipal N°1. Os espaços do bairro “Polana Caniço A” faz fronteira a Norte com o bairro “Polana Caniço B”, a Este com o bairro “Maxaqueni C” e a Sul com os bairros da “Coop” e “Sommerchield”. Existe uma percepção local de que “Polana Caniço A” é composto pelas unidades A, B, C, D e E que englobam setenta e sete quarteirões. O chamado “Bairro Sommershield II” corresponde a unidade D no quarteirão 49 A e em alguns espaços dos quarteirões 70 e 71 da unidade A do bairro “Polana Caniço A” que têm assinalado transformações.

A estrutura administrativa da “Polana Caniço A” foi formada depois da independência de Moçambique em 1975. A mesma é composta por uma secretária do bairro, chefes de quarteirões e das 10 casas. Os dados estatísticos do ano 2007 indicavam que “Polana Caniço A” é habitada por 8.464 agregados familiares que formam 55.883 pessoas, divididas em 22.322 do sexo masculino e 23.561 do sexo feminino de um total de 45 883 habitantes da “Polana Caniço A” e 1 271 599 habitantes da cidade de Maputo (Conselho Municipal da Cidade de Maputo 2004-2007).

A área em que a pesquisa foi realizada é limitada a Sul pelo campus da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), onde formo-me em antropologia. A partir do campus da UEM observei mudanças físicas na “Polana Caniço A” e ouvi em conversas de alguns habitantes da “Polana Caniço A” e estudantes da UEM narrativas sobre a mudança do nome do espaço, das práticas e vivências dos habitantes da “Polana Caniço A”. As narrativas que ouvi durante as conversas suscitaram vontade de perceber melhor o contexto. Através delas consegui informações que ajudaram a questionar a realidade e elaborar o tema de pesquisa.

Os espaços da “Polana Caniço A” onde a pesquisa foi realizada localizam-se junto a uma das principais vias de acesso e um dos espaços “mais ricos” da cidade de Maputo que são Avenida Julius Nyerere e Sommershield respectivamente, essas características atraem o investimento privado.



Figura 1: localização geográfica da Sommershield II

Fonte: Enio Tembe, Abril de 2016

A mudança na estrutura física, nas vivências dos habitantes e na designação dos espaços da “Polana Caniço A” foi também reportada pela mídia que em suas reportagens assumem que as características da “Polana Caniço A”, “pobres”, “humilde”, “construções” “desordenadas” e erguidas na base de materiais convencionais são substituídas pelas características da “Sommershield II”, construções “majestosas”, “luxuosas”, estabelecimentos comerciais e habitantes “ricos”³. Na transformação das características associadas ao nome “Polana Caniço A” pelas características associadas ao nome “Sommershield II”, os habitantes da “Polana Caniço A” e gestores de instituições instaladas na “Polana Caniço A” adoptaram o nome “Sommershield II” na designação dos referidos espaços.

O processo de atribuição do nome “Sommershield II” ocorreu de maneira considerada por Hansen e Vaa (2004) extra-legal, pelo facto de não ter obedecido critérios legais de atribuição ou alteração dos nomes de espaços vigentes em Moçambique que é regida pelo Decreto-lei N° 1/

³ Veja “De Polana-Caniço só ficou o nome”. *Jornal Notícias*, 29 (15.08.2014)

2014 que nos artigos 31 e 32 diz que o governo distrital e a autarquia local apresentam as suas propostas de atribuição ou de alteração de topónimos ao governo provincial e este apresenta ao ministério que surpreendente a administração local do Estado, juntando anexo, a apreciação da Assembleia provincial e a deliberação da Assembleia Municipal, respectivamente; e os topónimos aprovados pelos órgãos locais são submetidos a homologação do Conselho de Ministro pelo órgão central encarregue de padronizar, atribuir e harmonizar os topónimos a nível nacional. Antes da aprovação do Decreto-lei N°1/ 2014 a nomeação e alteração dos nomes dos espaços era regida pela Lei N° 02/1997 que atribui competências de nomeação e alteração dos nomes dos espaços a Assembleia Municipal, sob proposta do CMCM (Conselho Municipal da Cidade de Maputo 2006). Estes procedimentos não foram seguidos na atribuição do nome “Sommersfield II”.

2.2. A pesquisa de campo

Na presente pesquisa analiso as formas pelas quais a categoria do espaço é negociada no dia-a-dia dos habitantes da “Polana Caniço A” e na interação com entidades administrativas. Os autores que analisam as cidades africanas dão conta que desde os anos de 1960, elas têm crescido de forma muito rápida comparando a muitos países do mundo (Hansen e Vaa 2004: 7, Jenkis 2015: 2). África Subsariana encontra-se em rápida urbanização e é última região do mundo onde a urbanização ocorre enquanto maior parte da população vive em áreas consideradas urbanas.

Esta pesquisa foi realizada em três fases: a primeira fase ocorreu entre os meses de Fevereiro e Junho do ano 2015 e consistiu em pesquisa exploratória, revisão de literatura e elaboração da proposta de pesquisa. A segunda fase da pesquisa decorreu entre os meses de Julho e Outubro do ano 2015 e consistiu na realização da pesquisa de campo. A terceira e última fase realizou-se entre Dezembro de 2015 a Março de 2016 que consistiu na análise dos dados.

A comunicação com os interlocutores da pesquisa foi feita em língua portuguesa. Para a pesquisa foram privilegiados seguintes perfis de interlocutores: pessoas que iniciaram a habitar na “Polana Caniço A” antes do ano 2000 período em que as mudanças não eram notáveis e pessoas que começaram a habitar e trabalhar na “Polana Caniço A” depois do ano 2000, período em que a movimentação dos habitantes da “Polana Caniço A” para outros espaços da cidade de Maputo foi notório bem como a mudança na paisagem da “Polana Caniço A”. Esta selecção de

interlocutores permitiu obter informações que ajudaram a construir história de formação da “Sommersfield II”.

Os interlocutores da pesquisa são compostos por chefes de quarteirão, secretária do bairro, representante da Organização da Mulher Moçambicana, vendedores dos bares, bancas, restaurante, padaria e talho, seguranças das habitações e das instituições sociais, trabalhadores domésticos e trabalhadores das obras em construção. As entrevistas eram feitas em suas habitações, nos seus locais de trabalho e em locais de lazer.

Na presente pesquisa a informação adquirida por meio dos interlocutores foi complementada com informações do CCM, no Departamento de Planeamento Urbano e Ambiente e nos mídias. O uso diversificado das fontes de informação permitiu alcançar a “visão holística” da realidade pesquisada (Pina Cabral 2006: 189-190).

2.3. Técnicas usadas na pesquisa de campo

Na realização do trabalho antropológico o pesquisador olha, ouve e escreve o que acontece no campo de pesquisa (Oliveira 2006: 18). O pesquisador deve registrar os rituais, hábitos e gestos por mais insignificante que pareçam (Magnani 1991: 3). Neste trabalho a recolha e registo de informação no âmbito da pesquisa de campo foram feitos na base das técnicas de observação directa e participante, trajectórias individuais e das famílias, entrevistas semi-estruturadas, registo fotográfico e caminhada. As técnicas de pesquisa foram complementadas com o diário de campo, máquina fotográfica e telemóvel que serviam de instrumentos de registo de informações. Estas técnicas compõem o método qualitativo que é uma das identidades da antropologia (Velho 1978: 1)

2.3.1. Observação participante

Ao privilegiar a observação directa e participante como uma das técnicas de recolha de informação, desenvolvi estratégias para penetrar no dia-a-dia dos habitantes da “Polana Caniço A” e “Sommersfield II” ou “observar por dentro” os fenómenos e as relações sociais existentes, tal como Magnani (2002: 17) explica. No início da pesquisa de campo distanciei-me das pessoas que conheci na UEM e que habitam na “Polana Caniço A”, conheci outras pessoas e diferentes espaços de interacção existente no “Polana Caniço A”. A observação directa e participante possibilitou-me ver e ouvir os factos directamente de onde decorrem (Quivy e Campenhoudt

1992: 65; Velho 2003: 13). Por meio dela inseri-me nas rodas de conversa de diferentes pessoas que trabalham na guarnição das habitações e funcionários das obras de construção. Inseri-me também em alguns convívios dos habitantes que jogam futebol, realizam actividade comercial e fazem música no estilo hip-hop.

Nos primeiros dias de pesquisa de campo, a minha presença era estranha. Não conhecia nenhuma pessoa assim como também não era conhecido. Pelo facto de nas primeiras semanas ter estado todos os dias no terreno surgiam questionamentos sobre a minha presença. Quando eu informava que estava realizando pesquisa de campo, recusavam de conversar alegando “falta de tempo”. A minha presença começou a ser normalizada depois do contacto estabelecido com Armindo, sócio do bar Africano, localizado na rua D, no quarteirão 49 A. Na altura Armindo havia regressado dos Estado Unidos da América a três meses. Quando expliquei-lhe a pesquisa, sugeriu-me a falar com seu sócio Marquel, que habita na “Polana Caniço A” desde 1994. Por sua vez Marquel apresentou-me a chefe do quarteirão que habita na rua C. Estes interlocutores introduziram-me a história da transformação dos espaços da “Polana Caniço A”.

Num dos dias de caminhada na rua D, indo ao bar Africano conversar com Armindo e Marquel, conheci Inácio que voltava da padaria localizado na rua A, falei da intenção da pesquisa e pedi para ser um dos meus interlocutores, aceitou e abriu a porta da sua casa em três sábados consecutivos para entrevistas. Nesse período conheci os pais, tios e irmãos. As terças e quartas feiras eu acompanhava-o em algumas das suas actividades como comprar pão, encomendar roupa no alfaiate que conhece suas ideias.

Eric foi uma das pessoas com quem eu tinha conversas rápidas nos primeiros dias de pesquisa pela alegada “falta de tempo”, este trocou comigo número de telemóvel inactivo como estratégia de eliminar contacto. Num dos dias em que eu participava de uma roda de conversa na alfaiataria que localiza-se ao longo da rua A, com um vendedor do talho, alfaiate, um biscateiro, e o próprio Eric, consegui conquistar alguma confiança. Eric trocou o número de telemóvel mais uma vez comigo e passamos a conversar pelo telemóvel.

Num dos dias em que Eric encontrou-me tomando refresco numa barraca amarela próxima da sua casa, chamou-me e convidou-me a juntar-se aos seus colegas de equipa de futebol que

encontravam-se sentados nos pneus na berma da rua que faz entroncamento com a rua A, estes punham pedras que serviam de obstáculos, fazendo com que os carros que passam pela rua não acelerassem. Estes alegavam que na referida rua circulavam muitas crianças e ao acelerar o carro perigava a vida delas.

Caminhando com Eric ao encontro dos seus colegas de equipa, passamos pela alfaiataria que Inácio frequenta, Eric levou emprestado pipocas salgadas que fomos comendo ao longo do caminho. Quando encontramos os colegas de equipa, partilhamos as pipocas. Momentos depois, estes contribuíram dinheiro para comprar cerveja e gelo, depois eu foi com Eric buscar *coleman* em sua casa para gelar a cerveja. Quando voltamos colocamos a cerveja junto com gelo e água no *coleman*, para gelar. Depois de conversas e piadas, as 17 horas levaram o *coleman* para casa de um dos membros da equipa que vive com a irmã. Uma vez que estava ficando escuro despedi e retirei-me. Em situações similares a estas obtive informações sobre o dia-a-dia dos habitantes e sobre vivenciam os espaços.

Um outro aspecto que também revela a normalização da minha presença no contexto de pesquisa foi a mudança na forma pela qual as pessoas tratavam-me. Os trabalhadores dos estabelecimentos comerciais nos primeiros dias de pesquisa tratavam-me por “cliente” e “jovem” com tempo alguns dos trabalhadores passaram a tratar por “filho”. Os jogadores de futebol, trabalhadores das obras de construção, fazedores de música no estilo hip-hop foram alterando das designações “jovem” para de “broh”, *brother* palavras que geralmente eram usadas no contexto de pesquisa para referirem-se a um amigo.

A observação directa e participante foi acompanhada de registo em diário de campo. As notas eram escritas no bloco de notas e no telemóvel. No final do dia compunha todas notas e fazia o relatório do dia. A partir dos dados do diário de campo, semanalmente realizava relatório de pesquisa de campo. Nos relatórios realizados continham reflexões da pesquisa de campo realizada ao longo da semana e plano para a pesquisa de campo da semana a seguir. Os relatórios semanais eram partilhados com o orientador da pesquisa e com os colegas de supervisão nomeadamente António Chavana, Jessica Jossias e Escrivão André, que sugeriam aspectos por explorar na pesquisa de campo e melhor postura no contexto de pesquisa

2.3.2. Trajectória individual e das famílias

Nas conversas com os habitantes da “Polana Caniço A” e “Sommershield II” como por exemplo Marquel, Inácio obtive informações sobre como foi o processo de transformação dos espaços e da sua designação. Estes explicavam como a vivência dos espaços foi alterando. Acompanhando algumas actividades diárias de Eric e Inácio fiquei sabendo como circulam nos espaços da “Polana Caniço A” e como relacionam-se com outros habitantes e com pessoas que prestam serviços na “Polana Caniço A”.

A técnica de trajectórias individual e das famílias permitiu-me captar dinâmica dos espaços da “Polana Caniço A” e dos seus habitantes e identificar os valores negociados na sua interacção, assim como as redes de relações sociais que se estendem para além da área física e administrativa da “Polana Caniço A”.

2.3.3. Entrevistas semi-estruturadas

As entrevistas semi-estruturadas foram orientadas por questões que surgiam das conversa e convivência com os habitantes e usuários dos espaços da “Polana Caniço A. As entrevistas foram realizadas cara-a-cara, seguindo a postura metodológica de Marcone e Lakatos (2009). Esta técnica e procedimento ofereceram informações necessárias para o aprofundamento e desenvolvimento da pesquisa. No decurso da entrevista segui as informações e pistas dadas pelos interlocutores da pesquisa no decorrer de entrevistas semi-estruturadas anteriores e das conversas com outros habitantes. Essa acção permitiu aprofundar e obter informação detalhada sobre as dinâmicas das vivências dos habitantes da “Polana Caniço A”. As informações colhidas por meio das entrevistas semi-estruturadas permitiram reconstruir o processo da transformação da “Polana Caniço A” e da formação da “Sommershield II” (Quivy e Campenhoudt 1992: 193).

2.3.4. Registo fotográfico

A técnica de registo fotográfico permitiu por via de imagens identificar algumas das características da área de estudo (Samain 1995: 30). A máquina fotográfica serviu de elo de ligação com parte das pessoas do contexto de pesquisa. A máquina fotográfica pendurada no pescoço criou um espaço de conversa e interacção com os habitantes e usuários dos espaços da

“Polana Caniço A” e “Sommersshield II”. As pessoas que guarneciam as escolas e algumas habitações confundiam-me com fotógrafo e pediam para serem fotografadas.

Algumas das práticas exploradas na presente pesquisa foram descobertas com ajuda da máquina fotográfica como é caso do uso de internet sem fio. Enquanto eu circulava pelas ruas fotografando a paisagem, pessoas usando internet cumprimentavam e pediam fazer “shoots”, que na linguagem do contexto de pesquisa referi-se ao acto de captar imagem com recurso a máquina fotográfica profissional, foi numa dessas situações que descobri que alguns habitantes da “Polana Caniço A” sentavam-se nos passeios das habitações para fazer uso da internet sem fio instalada nas habitações da “Sommersshield II”.

2.3.5. Caminhada

A técnica da caminhada foi proposta por Magnani (1991: 4-5) e sugere que seja realizada de forma contínua, a mesma pressupõe estar atento à materialidade da paisagem, o cheiro, cor, som, volumetrias, fluxo de pessoas e diferentes cenários identificáveis independentemente das características físicas de onde o mesmo foi observado. Na caminhada realizada durante a pesquisa de campo conversei com habitantes e pessoas que trabalham na “Sommersshield II” e “Polana Caniço A”, indo e saído. As conversas e observações feitas durante a caminhada permitiram obter informações sobre como as diferentes pessoas circulam e fazem uso dos diferentes espaços da “Polana Caniço A” e da “Sommersshield II” e informações sobre caracterização dos vários espaços da “Polana Caniço A”. Esta técnica ajudou a conhecer melhor o contexto de interacção dos habitantes estando em vários espaços e em situações diferentes.

2.4. Constrangimento da pesquisa

Na realização da pesquisa surgiram diferentes situações que tornavam difícil a realização da pesquisa com eficácia. Pese embora essas situações tenham existido eles foram superadas, o resultado da superação é o presente relatório de pesquisa. Nas conversas sobre a realização da pesquisa com diferentes profissionais da área de ciências sociais bem como com estudantes do curso de antropologia da UEM eram recorrentes frases como:

Você vai fazer estudo onde agora vivem elites, isso não vai prestar porque eles não gostam de serem analisados nem entrevistados. Na cidade cimento onde vais estudar não será fácil ter informação, é melhor ir estudar no guetho, onde as pessoas não se trancam

nas casas. Onde as pessoas estão sempre na rua e já estão habituados a serem entrevistadas.⁴

Estas alertas fizeram-me investir na pesquisa sobre vias alternativas de etnografia na cidade, por aí cheguei a proposta de Pina Cabral (2006: 189-190) sobre o alcance da “visão holística” e a “caminhada” de Magnani (1991: 4-5). Pensei também em estratégias para integrar-me no dia-a-dia dos habitantes, por via disso pesquisei diferentes espaços onde os habitantes da “Sommersshield II” encontravam-se ou reuniam-se. Nos espaços de reunião pesquisados e posteriormente frequentados, conheci, conversei e obtive informações sobre alteração da designação “Polana Caniço A” e uso da designação “Sommersshield II”.

Inácio e Vinó pessoas que eu pretendia usar de ponte para chegar a outros habitantes, no primeiro contacto trocamos número de telemóvel para que quando eu precisasse deles os encontrar e conversar na rede denominada “whatsapp”. Na mesma semana em que os conheci perderam os telemóveis e o contacto ficou dificultado uma vez que são pessoas que no período de manhã e de tarde, período em que eu fazia pesquisa encontravam-se a estudar, fazer “biscatos” ou nas “boladas” que são trabalhos temporários, com remuneração imediata e negócios esporádicos realizados entre pessoas de sexo masculino respectivamente, em outros espaços da cidade de Maputo. De forma a superar este desafio regularmente circulava pelas habitações dos interlocutores e nos espaços em que os via conversando com outras pessoas. Assim fui conhecendo as suas rede de relações bem como fui superando o desafio.

Enquanto realizava a pesquisa de campo a mídia noticiava de forma recorrente actuação do “grupo catana” na “Polana Caniço A” e “B”, que são pessoas que com recurso a arma branca agredem, violam e assaltam habitações no período nocturno⁵. Para além dos noticiários, nas conversas com alguns dos habitantes apresentavam narrativas sobre situações em que outros habitantes foram vítimas do “grupo catana”. As narrativas sobre actuação do “grupo catana” no curso da pesquisa intimidaram-me, por conta disso a pesquisa de campo foi realizada no período diurno, fazendo com que não participasse e não visse os fenómenos e formas de interacção dos habitantes no período nocturno.

⁴ Conversa com estudante recém graduado no curso de antropologia no nível de licenciatura

⁵ Veja três “supostos ‘homens catanas’ agredidos na Polana Caniço A”. *Miramar* (16/10/2015); “Jogador de futebol acusado de ser membro da quadrilha ‘homens catanas’”. *Notícias Moçambique* (01/10/2015); e “Homens-catanas aterrorizam Maputo”. *VOA*. (14/12/2015)

3. Teorizando a cidade

No presente capítulo apresento tendências contemporâneas das análises da dinâmica espacial em contexto de cidade, explico como a noção de “projecto e campo de possibilidade” e “olhar de perto e de dentro” são apresentados em estudos sobre transformações decorrentes na cidade e apresento a forma pela qual estas noções são enquadradas na presente pesquisa.

A primeira tendência dos estudos de cidade é marcada pela ênfase em instituições e pessoas consideradas competentes tais como elites locais, associações locais, políticos, variáveis demográficas, animadores, culturais, agentes do sector imobiliário, representantes financeiros, arquitectos, planeadores físicos e sociais como orientadores da transformação e expansão da cidade (Low 1996, Magnani 2002, Agier 2009). Essas transformações eram tidas como produtores de comportamentos colectivos (Arantes 2009).

Na segunda tendência toma-se como pressuposto um tipo de cenário da vida pública, preso na dimensão da cidade da alta idade média europeia ou cidade-estado antiga cuja centralidade era simbolizada e garantida por algumas instituições que dominavam o “espaço público” (Magnani 2002: 15). A terceira tendência é marcante nos estudos sobre cidades Africanas que pensam na urbanização como produtor de imoralidade, egoísmo e laços monetários resultantes de fenómenos externos a África (Ferguso 1992). Na quarta tendência evidencia-se a ênfase nos imigrantes, nestas análises sustenta-se que os imigrantes da cidade, com base em seus valores identitários expandem e alteram a morfologia da cidade (Loforte 2000, Mirole 2013).

A abordagem campo de possibilidade proposta por Velho (1994) é aplicada em análise de contextos caracterizado pela existência de pessoas com diferentes “projectos” que interagem e condicionam ocorrência de múltiplas possibilidades de transformação dos mesmos. As interacções entre pessoas com “projectos” diferentes são marcadas por negociações da realidade feita por meio de “referências simbólicas”, “crenças” e valores em torno de interesses “materiais” e “imaterial” (Velho e Kuschnir 2001). Esta interacção ocorre de forma harmoniosa ou conflitual uma vez que a interacção entre pessoas de perfis diferenciados implica possibilidade de contradição. A cidade é nessa abordagem analisada a partir de um histórico social particular como produto e produtor de processo mais amplo.

Gilberto Velho (1994: 28) concebe “campo de possibilidade” como uma alternativa construída do processo sócio-histórico com potencial interpretativo. O mesmo pensa ainda que pessoas de “categorias sociais” e “trajectórias” diferentes interagem de forma racional e consciente dentro do “campo de possibilidade” formando rede de relação e gerando outras possibilidades da realidade.

O “projecto e campo de possibilidade” permitem explorar as mudanças identitárias das pessoas a partir de um jogo intenso e dinâmico de papéis sociais que associam-se a experiências diferenciadas Velho (1994: 8). Estas propostas teóricas foram eficazes na análise da dinâmica dos espaços da “Polana Caniço A” pelo facto de “Polana Caniço A” apresentar características similares, que são circulação e interacção de pessoas de papéis sociais diferentes. Estas pessoas circulam pelos espaços da “Polana Caniço A” indo ao trabalho nas habitações da “Sommersfield II” como jardineiro, “segurança”/ “guarda”, cozinheiro, agente de limpeza, pintor e motorista, nos centros comerciais como gerente, garson, caixa e agente de limpeza e nos escritórios de empresas e nas instituições de ensino erguidos como estafeta, arquitecto, engenheiro civil, professor sem esquecer dos proprietários que também circulam gerando dinâmica na vivência do espaço e na e formação de redes de relações sociais.

As propostas teóricas de Velho (1994) são complementadas com o “olhar de perto e de dentro” proposto por Magnani (2002: 18, 2015) que pensa na cidade como espaço de “troca” entre actores sociais diferentes onde as análises sobre sua dinâmica da cidade devem centrar nos actores sociais, no uso que fazem dos “equipamentos” e “serviços” da cidade. Esta proposta permite explorar os arranjos sociais, formas como as pessoas usufruem os serviços e equipamentos da cidade, como estabelecem encontros, múltiplas redes sociais, estilos de vida e diferentes trocas realizadas nas esferas sociais.

O “olhar de perto e de dentro” ocorre a nível micro e evita a dicotomia “indivíduo”- “estrutura urbana” nos estudos sócio-antropológicos (Ferro 2011: 109). A proposta de Magnani (2002) assemelha-se a de Meyer (2001) denominada visão que sugere ver de perto a cidade, por meio de performance das pessoas, evitando comparações e projecções de valores de uma cidade noutra e buscando aspectos relevantes e diferenciais no contexto pesquisado.

4. Das “Casas Brancas” ao “Bairro Sommershield II”

No presente capítulo apresento um breve historial da formação da “Polana Caniço A” e da sua transformação em “Casas Brancas” e posteriormente “Sommershield II”. No mesmo explico a forma pela qual o nome “Sommershield II” foi legitimado e usado pelos habitantes e usuários dos espaços da “Polana Caniço A”.

Os autores como Costa (2006, 2011), Costa e Biza (2012) Maloa (2013), Melo (2013), Fernandes e Mendes (2015) Raposso et al (2012) ao analisar a história da cidade de Maputo argumentam que no período colonial quando a cidade era denominada Lourenço Marques predominavam duas categorização nomeadamente “cidade formal” e “informal”. Estes autores enfatizam que parte da “cidade formal” também conhecida por “cidade cimento”, era habitada por europeus e caracterizada por habitações de alvenaria em formato de prédios e vivendas com água canalizada, electricidade e cercadas de ruas asfaltadas, infra-estruturas sociais e de serviços enquanto a “cidade informal” também denominada “cidade caniço” era habitada por africanos e marcado por habitações erguidas na base de materiais considerados precários e de fácil destruição.

A “Polana Caniço A” foi um dos espaços habitados por africanos no período colonial, as habitações eram erguidas com base em caniço e zinco, características associada ao nome de “Polana Caniço” (Silva 2011: 31; Raposso et al 2012: 190; Costa e Biza: 48). Consta que o nome de “Polana Caniço” foi atribuído pelos seus habitantes por localizar-se geograficamente próximo do bairro Polana. Mesmo com a substituição dos edifícios rectangulares com paredes feitas de caniço e a cobertura de barrotes de madeira e chapa de zinco por habitações de diferentes formatos, feitos de cimento, bloco ou tijolo, barrotes de madeira e zinco por volta da década 90 (cf. Costa e Biza 2012: 49), o bairro continuou a chamar-se “Polana Caniço”.

Após a independência de Moçambique em 1975 os edifícios da cidade de Maputo foram nacionalizados e tornaram-se propriedade do Estado moçambicano (Soares 2000: 22; Costa 2006: 150). Em alguns dos edifícios nacionalizados o Estado reassentou pessoas que habitavam em espaços como “Polana Caniço A”. As pessoas que não possuíam “licença de cidadania” e os que apresentavam comportamentos considerados “menos próprios” eram expulsos dos prédios da

cidade de Maputo e reconduzidos aos “bairros caniços” de Maputo ou para a terra de origem (Costa 2006: 150).

A partir do ano 1976 Moçambique entra numa guerra civil que termina em 1992. Até o ano de 1990 diferentes pessoas das áreas onde ocorriam confrontos militares migraram para as cidades, locais considerados seguros uma vez que não ocorria confrontos militares. Ana Loforte (2000) e Margarida Paulo (2007) consideram que a maioria das pessoas que migraram para a cidade de Maputo fixaram-se nos bairros periféricos como Mahotas, Laulane, Mafalala e Polana Caniço A.

No período colonial os espaços da “Polana Caniço A” eram atribuídos as pessoas provenientes de outros espaços por seus familiares com habitação na “Polana Caniço A”. Autores como Raposo et al (2012: 202) explicam que estes espaços eram “marginais”, “excluídos” e ignorados pelos políticos e pela generalidade dos arquitectos e urbanistas modernos. Com independência de Moçambique formou-se administração da “Polana Caniço A” e os chefes dos quartelões passavam a receber e atribuir porções de terra aos que deslocavam-se para “Polana Caniço A” para que pudessem erguer suas habitações. Em 1997 com entrada em vigor da lei de terra, lei N°19/97 de 1 de Outubro, ⁶o cenário voltou a mudar uma vez que a mesma concebe a terra como propriedade do Estado, como algo que não pode ser vendida, alienada nem hipotecada ou privatizada.

Durante a “guerra civil” foi erguido um quartel-general no quartirão 49 A, com missão de zelar pela Presidência da República e pelos bairros da “Polana Caniço A” e “B”. O quartel foi desmantelado em 1990 e no espaço foram erguidas 200 casas e foi reservado um espaço para fazer machambas. As casas eram de cor branca e com 2 e 3 compartimentos e foram erguidas pelo Estado moçambicano na base de um fundo disponibilizado por instituições interessadas em alguns prédios degradados na cidade de Maputo como eram os casos dos prédios actualmente conhecidos por Cardoso, Isatex e Residência Universitária N° 8 (R8). Os habitantes dos referidos prédios foram reassentados em Março do ano de 1991, a eles juntaram-se oficiais da Marinha de Guerra e funcionários da UEM.

Os topógrafos que trabalhavam na “Polana Caniço A” e nas áreas circundantes, assim como os habitantes das mesmas áreas distinguiam os espaços onde o Estado ergueu edifício do resto da

⁶ A pesar da lei, na prática a terra é vendida.

“Polana Caniço A”, essa distinção é notabilizada pela apropriação e adopção dos nomes “casas brancas”, “casas gêmeas” e “zona das duzentas casas” para os referidos espaços. Os nomes adoptados foram atribuídos em analogia com a configuração espacial existente. A Figura 2 apresenta um exemplo de como os edifícios apresentavam-se. O edifício ilustrado está arrendado e funciona como bar.



Figura 2: O bar Africano
Fonte: Anésio Manhiça. Janeiro de 2016

As duzentas casas erguidas eram propriedade do Estado, os reassentados tornaram-se inquilinos do Estado, pagavam pelo inquilinato à Administração do Parque Imobiliário do Estado (APIE) e os que não conseguiam pagar vendiam as “chaves da casa” ou o inquilinato e adquiriam casas noutros bairros que adequavam-se as suas condições financeiras. Em 1994 os inquilinos da APIE adquiriam as casas de dois quartos e uma sala num valor de 2.918.000 MZN e as de um quarto e uma sala num valor de 1.918.000 MZN da antiga moeda que actualmente corresponde a 2.918 MZN e 1.918 MZN respectivamente. O processo de aquisição das casas foi regido pelo decreto Ministerial N°50/1994, onde foram definidos critérios para estipulação de preços dos edifícios do Estado.

Em 1994 os novos proprietários das casas iniciaram com as transformações. Uns substituíram a cor branca da casa pela amarela, cinzenta e cor de vinho, uns ergueram muros e aumentaram os compartimentos da casa, alguns mantiveram as características e outros venderam as casas num valor de aproximadamente 7.000.000, 00 MZN que actualmente corresponde a 7.000, 00 MZN. Os preços das habitações eram propostos pelos proprietários das habitações. A subida de preço das habitações demonstra que o espaço da “Polana Caniço A” e edifícios existentes começaram a ganhar outro tipo de valorização.

As narrativas dos habitantes em torno das transformações da “Polana Caniço A” enfatizam alterações das práticas de lazer, infra-estruturas sociais e perfis dos habitantes. Em torno de lazer as práticas chamadas por “txotxotxo”, “bate-papo” na rua, *freestyle*, carnaval, caça de insectos e comemoração da época natalícia em conjunto passaram a não serem praticadas. As infra-estruturas sociais caracterizadas por ruelas sem iluminação na actual paisagem da “Polana Caniço A” foram substituídas por ruas asfaltadas e iluminadas.

Os habitantes da “Polana Caniço A” praticavam o comércio, eram funcionários do Estado e faziam machambas em alguns espaços da “Polana Caniço A” de onde obtinham alimentos que comercializavam e serviam de alimento. No estudo feito por Costa (2004) entre 1999 e 2001 consta que o bairro da “Polana Caniço A” era caracterizado por uma grande “precariedade” de infra-estruturas urbanas e de serviços, elevado índice de “pobreza” e de desemprego formal.

No ano 2002 diferentes pessoas começaram a desenvolver interesse pelos espaços da “Polana Caniço A”, começaram a adquirir espaços usados para machambas, algumas das casas erguidas pelo Estado e outras existentes na “Polana Caniço A”. Os espaços e casas eram adquiridos a um valor que variava entre 3 000 000 000 MZN a 7 000 000 000 MZN, o que significa mudança no valor sobrevalorização das habitações quando comparado com os valores praticados em 1994. As pessoas que adquiriam espaços e habitações da “Polana Caniço A”, destruíam as machambas e habitações existentes, no espaço erguiam edifícios no formato de condomínio e edifícios de dois e três pisos que na linguagem dos habitantes são “duplexes”. Os edifícios erguidos servem de residência, escritórios, estabelecimentos comerciais e instituições de ensino. As referidas características condicionaram emergência de outro nome para o espaço que passou a ser conhecido por “Sommersshield II” e novas formas de vivenciar os espaços. A Figura 3 é um exemplo do formato de edifícios recentemente erguidos.



Figura 3: “Polana Caniço A transformada em “Sommershield II”
Fonte: Anésio Manhiça. Julho de 2015

Os edifícios que funcionam como instituições de ensino são frequentados por pessoas que habitam em diferentes espaços da cidade de Maputo. Alguns edifícios funcionam como embaixadas, centros comerciais, restaurantes e outros como escritórios de organizações não governamentais (ONG). Os edifícios da “Sommershield II” apresentam seguranças, internet sem fio, ar-condicionado e trabalhadores domésticos. Os habitantes dos novos edifícios circulam pelos espaços chamados “Sommershield II” dentro de suas viaturas e frequentam estabelecimentos comerciais erguidos próximo das suas habitações. Nas manhãs de Sábados e Domingos alguns caminham e correm com seus cães nas ruas da “Sommershield II” até a praia da Costa do Sol.

As narrativas sobre transformação da “Polana Caniço A” vinculadas na mídia enfatizam que as características da “Polana Caniço A”, que são consideradas compostas de “pequenas habitações” feitas de “material precário” e de forma “desordenada” foram transformadas com a apropriação do espaço da “Polana Caniço A” pelo sector imobiliário e outros sectores que possibilitaram a valorização dos espaços da “Polana Caniço A” com ocorrência de construções “majestosas”, “organizadas” e de “luxo” que condiciona a segurança e acesso facilitado a muitos serviços sócias como transporte e hospital.⁷

⁷.Veja “Sommerchild II pressiona’ e pode fazer desaparecer ‘Polana Caniço’. *O País*, 1332 (28.09.2012); “De Polana-Caniço só ficou o nome”. *Jornal Notícias*, 29 (15.08.2014) e “A história da Polana Caniço A”. *SapoNotícia* (19.10.2009)

A nova da paisagem da “Polana Caniço A” proporcionou novas formas de interacção entre os habitantes bem como diferentes práticas e vivências. Os proprietários dos novos edifícios antes da construção da habitação vedavam o espaço com muro de forma a impedir que os habitantes da “Polana Caniço A”, área não afectada pela nova paisagem e habitada por pessoas consideradas como “nindjas” categoria associada aos que fazem assaltos, estupram e roubam materiais de construção. Quando uma parte dos edifícios foram erguidos na área onde faziam machambas, estes decidiram dividir “Polana Caniço A” da “Sommersfield II” com muro e tornar áreas da “Sommersfield II” condomínio, sítio onde só existem edifícios considerados “luxuosos”, com sistema de protecção electrónica, “seguranças”, ar - condicionado, trabalhadores domésticos e os chamados “duplexes”.

O muro que separava “Sommersfield II” da “Polana Caniço A” foi erguido por onde os habitantes da “Polana Caniço A” passavam indo a UEM e a outros espaços da cidade de Maputo. A área vedada era considerada “via rápida” para chegar as instituições que fornecem serviços sociais na cidade de Maputo como são os casos de local de trabalho e de ensino ou formação.

A construção do muro fez com que os trabalhadores domésticos dos novos habitantes no período da manhã dessem a volta aos espaços da “Sommersfield II” para chegar a padaria que encontrasse na “Polana Caniço A” o mesmo acontecia com os proprietários dos novos edifícios, que chegavam a “Polana Caniço A”, nas estruturas do bairro “Polana Caniço A” para obter documentação que lhes permitisse canalizar água nas suas habitações e transportar corrente eléctrica. Os habitantes da “Polana Caniço A” destruíram o muro alegando que foram primeiros a habitar na “Polana Caniço A” e que tem poder de decidir sobre as coisas da “Polana Caniço A”, o muro foi destruído por três vezes, depois foi substituído por uma cancela que também foi destruída.

O muro e a cancela foram destruídos e a configuração da área chamada “Sommersfield II” ultrapassou a área delimitada pelo muro erguido e surgiram também edifícios em forma de “duplex” além da área onde existia vedação. As “duplexs” apresentavam características similares a área onde chamavam de “Sommersfield II.” Por conta disso os habitantes desta área, apresentam vivências diferentes e a área também adquiriu o nome de “Sommersfield II”. A Figura 4 ilustra formato de edifícios erguidos além da área vedada.



Figura 4: Construções duplex para além da área vedada.
Fonte: Anésio Manhiça Julho de 2015

As habitações da Sommershield II apresentam sistema electrónico de segurança, ruas asfaltadas e iluminadas características que segundo Costa e Biza (2012: 48) são da “cidade”. Por conta disso entre os habitantes da “Polana Caniço A” emerge percepção de que os espaços da “Polana Caniço A” designados “Sommershield II” tornaram-se “seguros” e não decorem “roubos”. Mediante a situação de “segurança” emerge novas formas de organização social. Uma delas é o estacionamento das viaturas durante a noite, nos passeios das habitações, situação que não acontecia.

A mídia reporta recorrentemente actuação do “grupo catana” que com recurso a “arma branca”, nomeadamente catanas, facas e machados realizavam assalto nas habitações da “Polana Caniço A”, na mesma é caracterizada pelos seus habitantes “assaltos”, “roubos” de dinheiro e de telemóveis. O exemplo do caso foi o sucedido com o Banze que é segurança de uma residência. As quatro horas da manhã o “grupo catana” trajado de roupas que cobrem todo corpo, que na linguagem do bairro é sobretudo, que com recurso a socos e “armas brancas” batiam no Banze no final levaram o telemóvel e dinheiro que tinha.

Algumas pessoas não venderam suas habitações por quererem permanecer próximo às instituições sociais que a cidade proporciona. Caso vendessem adquiririam espaços nos bairros de Magoanine, CMC-Guava e Marracuene a semelhança dos que venderam. Estes bairros são distantes do trabalho, escolas, discotecas e hospitais. Outros habitantes cederem o espaço aos filhos que tinham “condições” de erguer edifícios no formato “duplex”. O exemplo é o Nhalungo

que tem quatro filhos e cedeu duas habitações que tinha, uma para uma das filha e outra para o filho mais velho. Durante a pesquisa de campo, os filhos de Nhalungo transformavam as habitações cedidas no formato “duplexs”.

A actual configuração espacial da “Polana Caniço A” resulta dos arranjos sociais dos seus habitantes e de pessoas que interessam-se pelos espaços da “Polana Caniço A”. Pese embora exista um Plano Parcial de Urbanização (PPU) da “Polana Caniço A” este não encontra-se em pleno uso facto que condiciona em alguns locais substituição das habitações tipo 2 por uma “duplex” sem considerar elementos urbanísticos salvaguardados no PPU.

As habitações erguidas na “Polana Caniço A” são aprovadas pelo CMCM no âmbito do Plano de Estruturação Urbana do Município de Maputo (PEUMM) que tem como um dos objectivos a requalificação de bairros considerados informais para melhorar a condição de vida dos habitantes da cidade. Através de melhoria de vias de acesso, energia, água e instituições de serviços sociais, (cf. Conselho Municipal da Cidade de Maputo 2008) facto que não acontece em todos os locais onde são erguidas novas habitações.

Sommersfield II como Campo de Possibilidade

São 2 realidades diferentes no mesmo bairro, entre o luxo e pobreza nasce o emblemático bairro da Sommersfield II que é uma parte do bairro da Polana Caniço A na cidade de Maputo. Edifícios luxuosos são construídos (...) o negócio de venda de casas ganha cada vez mais espaço no bairro da Polana Caniço A é vendida a preço médio de 2 000 000 MZN para dar lugar a uma nova residência.⁸

A citação da reportagem apresentada no canal 1 da Televisão de Moçambique (TVM1) acima, expressa as a logica da dinâmica dos espaços da “Polana Caniço A” e a forma como é negociação da noção de “bairro”. No encontro de lógicas sociais a partir da interacção de pessoas com papéis sociais diferentes geram-se lógicas alternativas que Velho (1994) chama de campo de possibilidade. A circulação das pessoas de papéis sociais diferentes, que realizam trabalho nos escritórios, estabelecimentos comerciais, instituições de ensino e habitações em espaços da “Polana Caniço A” onde a paisagem foi transformada gerou forma alternativa de nomeação e categorização de alguns espaços da “Polana Caniço A” que deixaram de ser conhecidos como

⁸. “Cresce negócio de casa no Bairro da Polana Caniço A”. *Televisão de Moçambique* 1.01.11.2015.

“quarteirões da Polana Caniço A” e passaram a ser conhecidos como “Bairro da Sommershield II”.

A partir da descrição detalhada da transformação de alguns espaços da “Polana Caniço A” e atribuição do nome “Sommershield II” apresentada no ponto 4 compreende-se que em diferentes períodos de tempo, associados a diferentes características os espaços da “Polana Caniço A” foram transformado sua denominação. Os espaços por onde a pesquisa foi realizada ficaram conhecidos por “Polana Caniço A”, “Casas Brancas” e “Sommershield II” respectivamente. A alteração do nome do espaço era associada a sua dinâmica e a dinâmica das vivências dos seus habitantes.

A atribuição do nome “Sommershield II” distigui-se de outros nomes atribuídos depois do nome “Polana Caniço A” pelo facto de ter sido associado a noção de “bairro” condicionando alteração do estatuto do espaço que deixaram de ser conhecidos por “Quarteirões da Polana Caniço A” e passaram a ser conhecido por “Bairro da Sommershield II”, facto que o distingue do nome “Casas brancas” que sua atribuição não teve influência no estatuto dos espaços e assemelhasse a atribuição da nome “Polana Caniço A” que também ficou conhecido por “Bairro da Polana Caniço”, ou seja ambos nomes são acompanhados pela noção de “bairro”. A atribuição do nome “Sommershield II” e “Polana Caniço A” igualam-se também pelo facto da dinâmica dos espaços e das vivências dos seus habitantes terem concorrido para sua atribuição.

A nova designação dos espaços, “Sommershield II” e o novo estatuto que é “bairro” mesmo que de forma extra-legal, tem aceitação e é usada por habitantes da “Polana Caniço A”, pessoas das instituições que administram a cidade de Maputo, agentes imobiliários, proprietários e trabalhadores de instituições com instalações na “Polana Caniço A”. O exemplo são as placas que indicam endereço das instituições afixadas na entrada ou no muro das instalações na “Sommershield II” e nas páginas electrónicas das agências imobiliárias que indicam a localização dos edifícios onde prestem serviço como pertencente ao “Bairro da Sommershield II”. Este facto entra em concordância com os argumentos de Hansen e Vaa (2004) de que as práticas podem ser extra-legais mais os agentes interessados perceberem como legais

Em conversas com alguns trabalhadores do CCMCM obtive informação de que “muitas pessoas” designam espaços transformados da “Polana Caniço A” por “Bairro da Sommershield II” porque

está diferente e mais bonito”. Os trabalhadores do CMCM, incluído o presidente “por vezes falham” e usam o nome “Sommerhield II” ao referir espaços da “Polana Caniço A”. Esta informação permite perceber que para além dos habitantes e usuários dos espaços da “Polana Caniço A”, o nome “Sommershield II” tem aceitação entre os administradores dos espaços da cidade. A “falha” assumida pelos trabalhadores do CMCM em usar o nome “Sommershield II” ao invés de “Polana Caniço A” é um dos sinais da aceitação e do uso do nome “Sommershield II”.

Entre os trabalhadores do CMCM existe a percepção de que as pessoas estão conscientes de que o nome “Sommershield II” é “ilegal” e que adoptam em referência ao nome “Sommershield” que é de um bairro onde era habitado por “diplomatas e membros do governo de Moçambique”. Os mesmos assumem que ao usar o nome “Sommershield II” os habitantes da “Polana Caniço A” sentem-se membros da “elite”, “ricos” e “poderosos”. As narrativas dos habitantes da “Polana Caniço A” igualam-se aos dos trabalhadores do CMCM ao pensarem na adaptação do nome “Sommerhield II” em referência a “Sommershield” e diferenciam-se na medida em que “Sommershield” é considerado “único nome de bairro chique de Moçambique reconhecido dentro e fora de Moçambique como chique”.

A adopção do nome “Sommershield II” é também justificado nas narrativas dos habitantes pelo facto dos espaços transformados apresentarem edifícios de dois e três pisos que proporcionam vista para praia, que entre os habitantes da “Polana Caniço A” é característica de um “bairro chique”, assim diziam, “Polana Caniço A já é chique, se fosse no Brasil chamaríamos de Copacabana mas como é Moçambique chamamos Sommershield II”.⁹

O nome “Sommershield II” é legitimado a nível local mesmo que tenha sido atribuído de forma ilegal facto que não acontece noutros contextos em que as práticas emergem de forma extra-legal, este facto pode ser ilustrado nos trabalhos de Paulo (2007) e Santos et al (2014) em que analisam práticas que emergem de forma extra-legal e são vividas e pensadas como tal.

⁹ Conversa com habitante da Polana Caniço A: 21 de Setembro de 2015

5. Dinâmica espacial e sociabilidades

Neste capítulo analiso as formas criativas de organização social e interacção das pessoas nos espaços da “Polana Canço A” que resulta na transformação da sua paisagem. O capítulo apresenta duas secções, na primeira analiso as formas criativas de organização social e as sociabilidades formadas na interacção entre os habitantes da “Polana Canço A” e da “Sommersfield II”. Na segunda secção analiso as sociabilidades formadas entre os habitantes e os provedores de bens e serviços.

As análises realizadas no presente capítulo são baseadas na ideia defendida por Velho (1994: 38-39), de que as “sociedades modernas” são caracterizadas pela interacção entre “grupos” e “segmentos” diferenciados que ocorrem por meio de troca. Na mesma ideia Velho (1994) explica que a circulação das pessoas e comunicação de massa que resulta na interacção de pessoas de “segmentos” diferenciados e na vivência de sistemas de valores diferenciados. Estas ideias permitiram explicar as diferentes formas criativas de organização social desenvolvidas pelos habitantes da “Sommersfield II” e da “Polana Canço A” e as redes de sociabilidades geradas entre os mesmos nos diferentes eventos sociais ou situações como Gluckman (1987) argumenta.

Alguns autores como Low (1996), Magnani (2002), Agier (2009) sustentam que a transformação da cidade foi pensada como resultante da acção de pessoas consideradas competentes tais como planeadores físico, arquitectos, urbanistas, agentes financeiros, artistas, sector imobiliário e paisagistas e outros como Parker (1967), Wirth (1967), Magnani (2002), Bénil e Morange (2006), Puttergill (2006), Micaelo (2008), Oliven (2010) e Velho (2011) sustentam que a transformação da cidade foi analisada como produtor de mudança nas pessoas, condicionando a emergência de males sociais, secularização, pobreza, comportamentos desviantes, segregação social, racial, falta de moradia, desigualdade na distribuição de recursos, poluição, violência e substituição das relações sócias directas (face-a-face) pelas indirectas isto porque cria ruptura com os princípios considerados tradicionais. As cidades Africanas são pensadas como resultada do colonialismo, pós-colonialismo, apartheid informalidade, governação, violência, cosmopolitismo, globalização e transformação política marcada pela introdução da democracia (Costa 2006; Meyer 2011).

A realidade da “Polana Caniço A” e “Sommersshield II” desafia as abordagens acima apresentadas ao mostrar que a transformação da paisagem da “Polana Caniço A” como consequência de acções dos habitantes, que movimentaram-se para interior e para exterior da “Polana Caniço A”, resultando na composição de habitantes de perfis diferenciados. As diferenças existentes entre os habitantes condicionaram interacção entre os mesmos, surgindo pactos sobre a forma de transformação da cidade bem como das normas dos seus habitantes.

5.1. Sociabilidades dos habitantes da Sommersshield II e Polana Caniço A

O processo de transformação da paisagem da actual “Sommersshield II”, a circulação dos seus habitantes e das pessoas nos espaços do “Sommersshield II” condicionou a dinâmica na vida quotidiana das pessoas, nas redes de relações dos habitantes e no nome do espaço que passou a ser “Sommersshield II”.

As ambiguidades do espaço que resultam da história de transformação são negociadas no quotidiano por via das dinâmicas na vivência do espaço. Os nomes “Sommersshield II” e “Polana Caniço A” foram negociados a partir de algumas situações sociais de longo período e do quotidiano dos habitantes da “Polana Caniço A”. Na introdução do livro “Antropologia das Sociedades Contemporâneas: métodos”, Fieldman-Bela (1987: 238) sustenta que as “situações sociais” são comportamentos das pessoas em algumas ocasiões enquanto membro de uma “comunidade”. Abaixo são descritas situações diferentes de longo período e quotidiana que expressam formas de interacção dos habitantes da “Sommersshield II”, da “Polana Caniço A” e os provedores de bens e serviços e as formas como a dinâmica da vivência concorreu para a negociação do estatuto do espaço.

1º Administração da “Polana Caniço A”

Enquanto alguns espaços da “Polana Caniço A” adquiriam características associadas a “Sommersshield II” diferentes pessoas adquiriam habitações nesses espaços e nomeavam “Sommersshield II”. Os habitantes da “Sommerhield II” encontram uma estrutura administrativa da “Polana Caniço A”. Estes habitantes têm circulando para posto de trabalho e estabelecimento de ensino noutros espaços da cidade de Maputo, chegando na “Sommershield II” no período de tarde ou nocturno. Nos finais de semana e nos feriados estes têm participado de convívios fora da “Sommersshield II”.

Os habitantes da “Polana Caniço A” têm por obrigação preencher “ficha de morador”, documento que permite que sejam conhecidos e reconhecidos como habitantes da “Polana Caniço A”, pela estrutura administrativa. As “fichas de morador” ficam na “Secretaria do Bairro”, os habitantes devem deslocar-se até a “Secretaria do Bairro” para preencher. Os habitantes da “Sommeersshield II” não deslocam-se a “Secretaria da Bairro” para preencher as “fichas de morador”. Nesta situação os chefes de quarteirões deslocam-se para as habitações da “Sommersshield II” para que as mesmas sejam preenchidas. Quando os chefes de quarteirões chegam as casas da “Sommersshield II” são recebidos por “seguranças” e cães que inviabilizam a chegada das “fichas de morador” aos habitantes ou quando as “fichas de morador” chegam ao destinatário por meio dos “seguranças não são preenchidas”.

Em contrapartida, quando os habitantes da “Sommersshield II” precisam de documentos de imposto e “declaração do bairro” para abertura de contas bancária, instalar corrente eléctrica, canalizar água e fazer investimentos recorrem a administração da “Polana Caniço A”. Uma vez que desconhecem sua localização, buscam informação nos habitantes da “Polana Caniço A” que por vezes os acompanham até a administração. Na chegada a administração os habitantes da “Sommersshield II” são exigidos a preencher “fichas de morador”, só depois pagam imposto e lhes passam a documentação solicitada.

As pessoas que vivem na Sommersshield II são intelectuais, empresários e funcionários do Estado, não gostam de si misturar com gentinha como nós, eles só vem para aqui quando querem para lhes passarmos declaração do bairro para por energia e água nas suas casas.¹⁰

A situação acima descrita permite compreender a dinâmica da transformação dos espaços ao longo do tempo. Pese embora exista diferença entre os habitantes que passaram a habitar na “Polana Caniço A” e os que já habitavam, a posição dos que já habitavam na administração da “Polana Caniço A” e da “Sommersshield II” e o poder que possuem na emissão e atribuição dos documentos necessitados pelos habitantes da “Sommersshield II” gera intercepção entre os mesmos.

2º Fornecimento água e uso de internet sem fio

Algumas habitações erguidas na “Sommersshield II” foram antecedidas pela abertura de furo que tinha como objectivo garantir que exista água na obra de construção. Anos depois das habitações

¹⁰ Entrevista com um dos líderes do bairro da Polana Caniço A: 17 de Agosto de 2015

terem sido erguidas, mesmo no período da pesquisa de campo, nos dias 13, 14 e 15 do mês de Outubro do ano 2015, dias em que a cidade de Maputo encontrava-se em crise no abastecimento de água canalizada os habitantes da “Sommershield II” autorizaram os “seguranças” das suas habitações a oferecer água aos que pediam, no caso os habitantes da “Polana Caniço A” e ao redor. Os habitantes da “Polana Caniço A” e das proximidades deslocaram-se com carrinhas de mão chamadas “txovas” e carros de bagageira com bidões de 25 litros onde enchiam de água: “Única coisa com quem eles nos ajudam é água, isso não posso mentir. Quando não sai água nas nossas casas eles nos dão sem problemas e de borla”.¹¹

O fornecimento de água tornou-se num factor de interacção entre os habitantes da “Polana Caniço A” e da “Sommershield II”. No caso os habitantes da “Sommershield II” mesmo sem esperar algo em troca fornecem água aos habitantes da “Polana Caniço A” que não possuem. A interacção entre os habitantes da “Polana Caniço A” e da “Sommershield II” decorre por meio de um intermediário que são os “seguranças” das habitações da “Sommershield II”. Este facto revela consciência mútua das diferenças existentes entre os habitantes da “Polana Caniço A” e da “Sommershield II”.

Quando há problemas de água, eles costumam vir pedir. Meus patrões dão sem nenhum problema, mandam-me tirar mangueira para o passeio para que possamos encher água nos bidões (...) meus patrões também usam água do furo onde eles tiram¹².

Os estabelecimentos comerciais e habitações da “Sommershield II” encontram-se equipados de internet sem fio, alguns com acesso livre. Nestes casos os habitantes da “Polana Caniço A” com seus telemóveis e “tablets” sentam-se nos passeios das habitações e acedem as redes virtuais, onde baixam vídeos, música, conversam e jogam “games”. O uso da internet sem fio pelos habitantes da “Polana Caniço A” é recorrente e os habitantes da “Polana Caniço A” têm assumido a internet sem fio das habitações da “Sommershield II” como sua e uma vez que não tem impedimento para o seu uso: “Esta internet é do povo, puseram para usarmos, a esta hora dá bem, veja só a rede. Agora sente só a brisa (...) os que vivem nas casas com Wi-fi têm dinheiro por isso nem ligam para nós que usamos a internet de borla”.¹³ O recurso que o habitante da “Sommershield II” possui, no caso a água e a internet sem fio distingue-os dos habitantes da “Polana Caniço A” e permite que interajam.

¹¹Entrevista com habitante da Polana Caniço A:14 de Outubro de 2015

¹²Entrevista com segurança da habitação da Polana Caniço A: 4 de Outubro de 2015

¹³Entrevista com habitante da Polana Caniço A: 4 de Outubro de 2015

3º “Segurança”

As habitações erguidas na actual “Sommersfield II” condicionaram nova paisagem a “Polana Caniço A”, pela incorporação de características consideradas por (Costa e Biza 2012: 48) como sendo da “cidade” tais como vias de acesso asfaltadas e iluminadas. Com a nova paisagem ocorreu movimentação dos habitantes, uns saíram da “Polana Caniço A” e outros passaram a habitar na “Polana Caniço A”. As habitações dos habitantes da “Sommersfield II” espaço de onde os novos habitantes da “Polana Caniço A” habitam foram equipadas por sistema de segurança electrónico e possuíam pessoas que trabalhavam na guarnição das habitações. As pessoas que trabalham na guarnição contratadas por empresas de segurança e que possuem uniforme, algemas, chamboco e arma são nomeados “seguranças” diferenciando-se dos chamados “guardas” por serem contratados pelos proprietários das habitações e das obras em construção, estes acumulam actividade de “guarnição” com a de limpeza das estradas e dos passeios das casas da “Sommersfield II” e venda de recargas telefónicas. Os novos equipamentos das habitações gerou entre os habitantes da “Sommersfield II” sentido de protecção.

Nos tempos roubava-se muito por aqui mas agora os ladrões, bandidos já saíram do bairro e como os seguranças dos novos moradores ficam 24 sob 24 horas e as ruas são abertas e com iluminação os bandidos têm medo de chegar¹⁴

Para além dos equipamentos de segurança existente nas habitações da “Sommersfield II”, entre os habitantes da “Sommersfield II” e da “Polana Caniço A” há percepção de que a mudança no perfil dos habitantes da “Polana Caniço A” também concorreu para emergência do sentido de protecção entre os habitantes da “Sommersfield II”.

As pessoas daqui roubavam contador, torneiras, e roupas. Quando lavávamos roupa, deveríamos esperar até secar caso contrário não encontrávamos. Nada poderíamos deixar no quintal de noite se não roubavam (...). As coisas melhoraram muito, já não há nada de isso.¹⁵

O sentido de protecção é uma das componentes da interacção entre os habitantes da “Sommersfield II” e os da “Polana Caniço A”. Pese embora entre ambos exista percepção de que as condições que concorrem para o sentido de protecção foram providenciadas pelos habitantes da “Sommersfield II”, os habitantes da “Polana Caniço A” que habitam no limite da “Sommersfield II” partilham também do sentido de protecção. Os recursos pensados como

¹⁴Conversa com habitante Polana Caniço A:4 de Outubro de 2015

¹⁵Entrevista com habitante da Polana Caniço A: 20 de Agosto de 2015

geradores de sentido de protecção são muros elevados que impedem a ver o interior das habitações, quando estiver na rua, sistema de protecção electrónico, “ruas abertas” e iluminadas que permitam que as pessoas sejam vistas a circular de noite e pessoas que trabalham na guarnição das habitações. A existência destes equipamentos expresa capacidade económica das pessoas que adquirem espaços e habitações na “Polana Caniço A”.

Quando os ricos chegaram, o bairro ficou mais seguro porque eles têm seguranças. Esses seguranças podem ser de uma casa mais fazem com que os ladrões não assaltem as casas dos que vivem a volta (...) por isso nós que não temos seguranças saímos também beneficiados, nossas casas estão protegidas.¹⁶

O limite da “Sommersfield II” é um limite que se estica, vai crescendo por apropriação das casas lá existente. Nas narrativas dos habitantes da “Polana Caniço A” e da “Sommersfield II” consta que alguns dos habitantes da “Polana Caniço A” vendem suas habitações para os habitantes da “Sommersfield II” e outros que têm interesse em erguer edifícios com mesmo padrão dos edifícios da “Sommersfield II” .

Alguns moradores da Polana Caniço A venderam suas casas porque dizem que o bairro é muito violento e eles já não aguentam a situação de violência, dizem que se o bairro for da elite o “grupo catana” e nindjas não aproximaram, por isso vendem suas casas para os ricos.¹⁷

O sentido de protecção condicionou a interacção entre os habitantes da “Polana Caniço A” e os da “Sommersfield II” em dois sentidos, primeiro porque os habitantes da “Polana Caniço A” no limite da “Sommersfield II” partilham do sentido de protecção. Segundo porque a paisagem da “Sommersfield II” e os recursos que seus habitantes possuíam para manter o sentido de protecção atraiu diferentes pessoas que passaram a adquirir espaços habitados por pessoas da “Polana Caniço A” erguendo novos edifícios.

A diferença das habitações e do estilo de vida dos habitantes da “Sommersfield II” com os da “Polana Caniço A” também concorreu para elasticidade da “Sommersfield II”, estas diferenças fazem com que os habitantes da “Polana Caniço A” optem em retirar-se da “Polana Caniço A” a conviver com a diferença. Numa das reportagens do Jornal Notícias de 2014 um dos habitantes foi citado: “Não vale a pena ter os novos ocupantes como vizinhos! (...) pelas diferenças sociais (...) se um dia tiver que abandonar, não restará outra coisa a não ser seguir para onde o destino mandar.” Para Jorge e Melo (2014: 65) a elasticidade da “Sommersfield II” tem também haver

¹⁶Entrevista com habitante da Polana Caniço A: 10 de Agosto de 2015

¹⁷Entrevista com líder da Polana Caniço A: 10 de Agosto de 2015

com as intervenções em curso na Avenida Julius Nyerere no âmbito do Programa de Desenvolvimento Municipal de Maputo que implica demolição de construções existentes nas áreas adjacentes e realojamento das pessoas afectadas, receando que esta acção ocorra em toda “Polana Caniço A” estes optam em desfazer-se vendendo suas habitações e porque o espaço tornou-se mais atractivo pela nova configuração espacial, diferentes pessoas concorrem para aquisição das mesmas.

4° Oportunidade de trabalho

Os habitantes da “Sommersshield II” contratam pessoas para realizarem limpeza, jardinagem, cozinhar, pintar e guarnecer a habitação. Os estabelecimentos comerciais e instituições erguidas fazem com que os habitantes da “Polana Caniço A” e outros busquem oportunidades de trabalhos. Na busca pelo trabalho são desenvolvidas estratégias para publicitar produtos e serviços prestados. Algumas pessoas colocam informação sobre seus serviços e produtos bem como contactos telefónicos numa placa e afixam nos postes de energia dos passeios das habitações da “Sommersshield II”. Outras pessoas elaboram catálogo com fotografias de serviços prestados e cartões de visitas e entregam aos “seguranças” para fazer chegar aos proprietários das habitações.

Os habitantes da “Polana Caniço A” e de outros locais que procuram por trabalhos fixos nas habitações da “Sommersshield II”, falam primeiro com os “seguranças”. Nos “seguranças” conseguem informação sobre habitações que não possuem trabalhadores e sobre como os proprietários das habitações tratam seus trabalhadores. Os proprietários das habitações da “Sommersshield II” pedem aos “seguranças” que arranjam “bons empregados”, quando as pessoas arranjadas não fazem trabalho conforme solicitado pelos habitantes da “Sommersshield II” reclama nos “seguranças” que lhes arranjaram e estes tem por missão substituir ou chamar atenção ao “trabalhador”.

As casas que precisam de trabalhadores são esta cinzenta e aquela no final da rua. Mas nesta cinzenta você trabalha duro, deve lavar até o telhado e paredes. Já na outra casa único problema é que você só trabalha quando os patrões estão e quando estão você não senta, deve estar sempre a circular e trabalhar de segunda a sábados até as 18h.¹⁸

¹⁸Conversa com um segurança da habitação da Sommersshield II: 24 de Agosto de 2015

Os “seguranças” passam informação que possuem sobre os proprietários das habitações como forma de em caso de contratação evitar possíveis reclamações do lado dos trabalhadores assim como dos que contratam. Em uma conversa de um “segurança” e uma pessoa que procurava trabalho nas habitações da “Sommersshield II”: “Nós devemos dizer como é que as coisas são para depois não virem reclamar em nós. Mesmo os donos da casa quando você não trabalhar viram reclamar em nós. Viram dizer haaaaa a pessoa que você nós arranhou não faz nada”.¹⁹

Os “seguranças” das habitações da “Sommersshield II” condicionam a rede de relação entre os habitantes da “Polana Caniço A” e de outros sítios com os da “Sommersshield II”, fornecendo informação sobre o comportamento dos mesmos enquanto “patrões” aos habitantes da “Polana Caniço A” e outros interessados em trabalho bem como fazendo chegar catálogos e cartões-de-visita dos habitantes da “Polana Caniço A” e outros os habitantes da “Sommersshield II”. Os “seguranças” da “Sommersshield II” condicionam a rede de relação por ser pessoa chave na contratação dos trabalhadores domésticos da “Sommersshield II”.

5.2. A sociabilidade dos habitantes e provedores de bens e serviços

A transformação da paisagem da “Polana Caniço A” encontra-se em processo, mais espaços são envolvidos pela nova dinâmica espacial. As construções de habitações e estabelecimentos comerciais continuam, por conta disso decorre práticas que permitem interação entre os funcionários, provedores de bens e serviços com os habitantes da “Polana Caniço A” e da “Sommersshield II”. As práticas quotidianas identificadas são de trabalhador de obra, “guarda” e comerciantes. Os trabalhadores das obras de construção têm iniciado seus trabalhos por volta das 6 horas 30 minutos período em que os habitantes encontram-se a dormir. No decurso do trabalho nas obras, no período de tarde os trabalhadores criam poeiras com o cimento usado e ao furar as paredes. Estas situações criam desconforto aos habitantes.

O curso da transformação da paisagem da “Polana Caniço A”, condiciona situações consideradas incómodas pelos habitantes da “Polana Caniço A”. Para além das situações incómodas constatei situações de ajuda mútua entre os habitantes e provedores de bens e serviços. Os trabalhadores das obras de construção na interação com os habitantes da “Polana Caniço A” têm disponibilizado pregos, martelos, arames quando solicitada pelos habitantes com que tem

¹⁹Conversa com um segurança da Polana Caniço A: 24 de Agosto de 2015

conversado e tem disponibilizado água gelada quando solicita. Em frente as obras de construção e escolas os habitantes da “Polana Caniço A” instalam suas “bancas” que são estabelecimentos feitos de madeira onde comercializam produtos alimentícios e recargas telefónicas. As “bancas” são frequentadas pelos trabalhadores das obras de construção, taxistas e “seguranças”, alguns deles têm passado quase todas as refeições nas referidas “bancas”.

Eu não como em casa, minha vida está na rua, por isso nunca terei vergonha de comer na rua, sempre como por aqui sem vergonha nenhuma (...). Eu saio cedo de casa e volto tarde, por isso não há como comer em casa. Só como nesses sítios, ainda porque é mais barato.²⁰

Os comerciantes têm emprestado seus produtos a um valor de aproximadamente cem meticais aos clientes que têm passado as refeições diárias nas suas “bancas”, estes que pagam dois ou três dias depois, por sua vez os “clientes” que são pessoas que compram os produtos no estabelecimento comercial têm deixado trocos no valor de aproximadamente cem meticais nas “bancas” onde têm passado suas refeições, o valor é levado em refeições no dia seguinte ou outro dia em que estejam a trabalhar.

Os “guardas” comercializam recargas telefónicas. Estes fixam placas publicitárias de uma das operadoras móveis em uso em Moçambique nos postes de energia em frente ou próximo de onde trabalham. Nestes casos os “clientes” são os trabalhadores domésticos das habitações, “seguranças” e pessoas que circulam nas ruas da “Sommersfield II” indo a outros espaços da cidade de Maputo. Os “seguranças” e trabalhadores das habitações quando precisam de recargas telefónicas assobiam e o “guarda” vai ao seu encontro. As pessoas quando param em frente das placas publicitárias os “guardas”, comerciantes de recargas telefónicas logo o “guarda vai ao encontro”.

A movimentação dos habitantes da “Polana Caniço A”, pessoas que passaram a habitar e os que saíram para habitar noutros espaços da cidade de Maputo e a circulação das pessoas na “Sommersfield II” indo ao trabalho doméstico, segurança, aos estabelecimentos comerciais, estabelecimentos de formação, escritórios influenciaram na dinâmica das vivências do espaço da “Polana Caniço A”. Na interacção entre os habitantes da “Sommersfield II” e da “Polana Caniço A” foram-se gerando elementos de diferenciação. Os elementos de diferenciação entre os

²⁰Conversa com taxista: 23 de Julho de 2015

habitantes da “Polana Caniço A”, “Sommersshield II” e os provedores de bens e serviços permitiram formação de rede de sociabilidade entre os mesmos.

6. Modos viventes dos habitantes da “Sommersshield II” e “Polana Caniço A”

Neste capítulo explico como os habitantes da “Polana Caniço A” “vivenciam”, “sentem” inventam e reinventam os vários espaços e como integram as normas, valores e representações sobre o espaço no seu modo de vida a partir das suas experiências quotidianas (Agier 2009:38) . Com base na noção de projecto apresentado por Velho (1994) que é pensado como sendo negociado na interacção com pessoas de papéis sociais diferentes analiso como os projectos dos habitantes são negociados nas situações do dia-a-dia por meio de referências simbólicas, crenças e valores.

A cidade é um espaço de “troca” e interacção onde pessoas com perfis diferenciados entram em contacto marco por de forma harmoniosa ou conflitual (Magnani 2015). As áreas e sectores (industrial, administrativo) existentes na cidade permitam que existem relações de solidariedade e de conflito (Carmo 2009: 257). A interacção entre pessoas com perfis diferentes permite que estas pessoas vivenciam novas formas de relacionamento.

A emergência do nome “Sommersshield II” na designação dos espaços transformados na “Polana Caniço A” gerou alternativas simbólicas para os seus habitantes que dependendo das situações quotidianas a que são sujeitos negociam seus “projectos” e identificam-se como habitante da “Polana Caniço A” ou como habitante da “Sommersshield II”. As alternativas simbólicas geradas são pensadas enquanto campo de possibilidade que construídas ao longo do processo “sócio-histórico” com potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura (Velho 1994: 28). O campo de possibilidade permite compreender através das performances os vários projectos e identidades formadas em universo sociais e estruturas associadas as práticas das pessoas (Ferro 2011:26). Baseados nestes argumentos nos sub-capítulos abaixo descrevo e analiso as formas pelas quais as nomenclaturas “Polana Caniço A” e “Sommersshield II” são accionadas e usadas pelos seus habitantes através das suas performances.

6.1. “Insulto”, “Forte”, “Moluene”, “Nindja” e “Pobre”

As narrativas dos habitantes e usuários dos espaços da “Polana Caniço A” têm enfatizado a associação do nome “Polana Caniço A” a características de “precariedade das habitações”,

“população pobre”, “moluenes”, “nindjas” e “drogados” que leva a categorização do mesmo como “Gueto”. As características associadas ao nome “Polana Caniço A” fez com que os habitantes da “Polana Caniço A” e “Sommersshield II” em diferentes situações do dia-a-dia auto-identificam-se como habitantes da “Polana Caniço A”. Uma das situações em que estes identificam-se como habitantes da “Polana Caniço A” é na emissão dos seus documentos pessoais tais como o Bilhete de Identificação (BI), “declaração do bairro” e nos recibos de água, energia e internet sem fio.

Durante as partidas de futebol que acontecem aos sábados, forma-se uma equipa da “Polana Caniço A” que, contribuem dinheiro para aquisição de cerveja, gelo e refresco para consumirem depois do jogo. Na selecção das pessoas que compõem a equipa são privilegiadas pessoas com características que identificam como da “Polana Caniço A”, os jogadores devem ser “fortes” e “insultar” enquanto estiver no campo para permitir que lhe respeitem e tenham medo dele ao jogar. Numa das rodas de conversas tidas com os jogadores de futebol um deles disse que “não basta ser craque para estar na equipa, as pessoas devem saber insultar e khenhar (...) os fofinhos que vivem na Sommersshield II são craques mas não sabem “insultar” por isso não lhes metemos na equipa”.²¹

Na “Polana Caniço A” existe um estúdio onde as pessoas gravam músicas, os habitantes da “Polana Caniço A” tem usado o estúdio para gravar músicas no estilo hip-hop. Estes como são considerados pessoas “incapacitadas a pagar um estúdio” de gravação de música, gravam no estúdio da zona sem pagar nenhum valor monetário. Nestes casos são últimos a gravar, primeiro dão prioridade aos que pagam pela gravação, estes tem reclamado de serem despachados por isso almejam conseguir dinheiro e também pagar pela gravação.

As instituições sociais e públicas como escolas e hospitais da “Polana Caniço A” são pensadas como sendo cercada e frequentada por pessoas da “Polana Caniço A”, consideradas pessoas de “conduta duvidosa”. Este facto faz com que as pessoas com capacidades económicas privilegiam instituições sociais e públicas localizadas noutros espaços da cidade de Maputo como forma de não serem afectos pela conduta dos habitantes da “Polana Caniço A”.

²¹ Conversa com habitante da Polana Caniço A: 10 de Outubro de 2015

Os kotas não querem que meus putos estudem nas escolas daqui do bairro, escolas daqui tem maning marginais eles podem fazer os putos si desviarem, ficarem marginais também, Já na cidade, onde eles estudam tem maning controlo.²²

As características associadas ao nome “Polana Caniço A” homogeneiza as pessoas que habitam em diferentes espaços da “Polana Caniço A”. Com o surgimento de outra categoria para alguns dos espaços da “Polana Caniço A” as situações quotidianas a que os habitantes da “Polana Caniço A” são sujeitos o fazem a firmarem-se e identificarem-se como habitantes da “Polana Caniço A”.

6.2. “Fofinho”, “Chique”, “Rico” e “Intelectual”

O nome “Sommersshield II” é associado as características ou valores como “luxo”, “riqueza”, “segurança” e a “habitantes intelectuais”, políticos e artistas, por meio destes perfis os habitantes identificam-se como habitantes da “Sommersshield II”.

Os habitantes quando encontram-se fora do bairro, nos espaços de lazer e de formação ou quando conhecem novas pessoas tendem a apresentar-se como habitantes da “Sommersshield II” como forma de fugir dos valores associado a “Polana Caniço A” e apropriar-se dos associados a “Sommersshield II”.

Caso digas que vives na Polana Caniço os outros logo vão pensar que vives na zona de crime, zona de bandidagem. Agora se dizes que vives nas Sommersshield II vão pensar logo que vives num sítio bonito, sítio de elite, por isso mesmo onde não é Sommersshield II, as pessoas chamam de Sommersshield II só para que os outros não pensem que vive num bairro de criminosos.²³

Ao fazerem uso do nome “Sommersshield II” as pessoas afastam-se da imagem socialmente construída sobre “Polana Caniço A”, buscam aceitação no meio em que inserem-se e afastam-se dos preconceitos e estereótipos formados em torno dos habitantes da “Polana Caniço A”. Em entrevista com um dos habitantes disse: “Algumas pessoas têm medo de dizer que vivem na Polana Caniço A, têm medo de dizer que vivem no gueto, então os jovens como querem aparecer nas pitas dizem que vivem na Sommersshield II”.²⁴ O “aparecer” quer dizer reconhecimento, aceitação. Usando nome de “Sommersschild II” os habitantes têm acesso a diferentes relações, o

²² Entrevista com habitante da Polana Caniço A: 11 de Setembro de 2015

²³ Entrevista com um habitante da Polana Caniço A: 20 de Agosto de 2015

²⁴ Entrevista habitante da Polana Caniço A: 15 de Agosto de 2015

exemplo são as “pitas” que são consideradas parceiras sexuais, os meios de diversão e “amigos” que possuem.

No dia 12 de Agosto conheci uma pessoa da “Polana Caniço A” que apresentou-me como sua, uma habitação na “Sommersshield II”. No decorrer da pesquisa de campo, descobri que a sua habitação é na “Polana Caniço A”, uma habitação inacabada, feita de bloco e barrote de zinco. Nesta situação percebe-se que mesmo eu estando na “Sommersshield II” e “Polana Caniço A”, por eu ser estranho o interlocutor da pesquisa quis fazer perceber que sua habitação é na “Sommersshield II”.

As pessoas que têm realizado actividades fora do bairro, como festas em salões, frequentar escolas, estes são considerados “ricos” e membros da “elite”, gozam de são categorizados como habitantes da “Sommersshield II”, situação similar acontece com os “intelectuais”, “brancos” e “fofinhos” que são pessoas que possuem e são “actualizadas sobre coisas da moda” tais como relógio, roupas, sapatos e telemóveis. As pessoas que habitam em casas com sistema de segurança electrónica, “seguranças”, ar-condicionado, trabalhadores domésticos e possuem mais de um carro gozam também do estatuto de habitante da “Sommersshield II”.

Neste capítulo conclui-se que pese embora exista elementos de diferenciação entre os habitantes da “Polana Caniço A” e “Sommersshield II”. A condição de habitante da “Sommersshield II” ou da “Polana Caniço A” não são estanques, são negociáveis e variam de situação para situação. Uma pessoa pode numa situação ser considerada habitante da “Sommersshield II” e noutra habitante da “Polana Caniço A”. Os habitantes dependendo dos seus interesses fazem uso da categoria de habitante da “Polana Caniço A” ou da “Somemrshield II”.

7. Considerações finais: vivências e práticas quotidianas

A presente pesquisa é sobre vivências quotidianas e práticas dos habitantes da “Polana Caniço A” e da “Sommersshield II”. A pesquisa questiona a forma pela qual a categorização dos espaços foi negociada ao longo do tempo e no dia-a-dia dos habitantes da “Polana Caniço A” e da “Sommersshield II”. Como estratégia de análise privilegiei dois procedimentos, que foi olhar sobre o habitante, distanciando-se assim das abordagens que concentram-se nos actores considerados por Magnani (2002) como “competentes” no processo de transformação da cidade e pensar nos valores e normas das pessoas como negociáveis, situacional e relacional. Como consequência da estratégia de análise a pesquisa analisa as diferentes redes de sociabilidades em que os habitantes estão envolvidos e os valores negociados durante o processo de interacção.

A partir da sistematização de informação recolhida durante quatro meses de pesquisa de campo na “Polana Caniço A” e da descrição das vivências e práticas dos habitantes demonstrei que a transformação da paisagem da “Polana Caniço A” condicionou movimentação dos seus habitantes. Uns movimentaram-se de outros espaços da cidade de Maputo para habitar no bairro e outros dos espaços do bairro para outros espaços da cidade de Maputo, os habitantes e usuários dos espaços da “Polana Caniço A” circulavam pelos espaços do indo para posto de trabalho nas habitações, estabelecimentos comerciais e instituições de ensino erguidos nos espaços do bairro. Traduzindo nos termos de Velho (1994) pode-se dizer que a transformação da paisagem da “Polana Caniço A” condicionou composição de habitantes com papeis sociais e projectos diferentes.

A pesquisa desdobrou-se em quatro argumentos principais: Primeiro, os espaços da cidade de Maputo encontram-se em transformação resultante de arranjos sociais dos seus habitantes. A transformação dos espaços da cidade de Maputo concretamente da “Polana Caniço A” onde a pesquisa foi desenvolvida condicionou movimentação e circulação de pessoas. O segundo

argumento sublinha a ideia de que a movimentação e circulação das pessoas nos espaços do da “Polana Caniço A”, permitiu que pessoas de papéis sociais ou projectos diferentes (cf. Velho 1994), novos habitantes, antigos habitantes, pessoas que administram “Polana Caniço A” e pessoas que trabalham na “Polana Caniço A”. A interacção entre estas pessoas proporcionou nova forma de pensar os espaços notório pela nova designação, nova categoria do espaço que é “Sommersfield II” e “Bairro” respectivamente, novas vivências e práticas dos habitantes.

Terceiro argumento, dinâmica das vivências dos espaços é que resulta na dinâmica do nome dos espaços. Na alteração do nome dos espaços onde a pesquisa foi desenvolvida destaca-se a denominação “Sommersfield II” pelo facto da mesma impor-se junto com noção de bairro, tal como aconteceu com a denominação “Polana Caniço A” quando foi atribuída. E o quarto argumento salienta que apesar do nome “Sommersfield II” ter resultado de prática consideradas por Hansen e Vaa (2004) como extra-legal, é usada por diferentes usuários e habitantes da “Polana Caniço A” como sendo legal. Na emergência do nome “Sommersfield II” que é extra-legal e “Polana Caniço A” que é legal, os habitantes destes espaços convivem com os dois nomes. Estes dependendo das situações do dia-a-dia são identificados e identificam-se como habitantes da “Sommersfield II” ou como da “Polana Caniço A”. O mesmo habitante pode numa situação considerar-se e ser considerado habitante da “Polana Caniço A” e noutra situação diferente ser considerado e considerar-se habitante da “Sommersfield II”.

O presente trabalho para além de ter contribuído com explicação de como em situações de transformação da cidade de Maputo o seu estatuto é negociado, abre espaço para um questionamento sobre como a expansão das cidades e a categoria dos espaços são negociados.

Referências bibliográficas

Agier, Michel. 2009. “Introdução: do urbano global à antropologia da cidade”, in Cordeiro, Graça e Frogúlio Jr, Heitor (trad). *Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.pp. 31-44.

Agier, Michel. 2009. “Situações elementares da vida urban”, in Cordeiro, Graça e Frogúlio Jr, Heitor (trad). *Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.pp. 89-99.

Antunes, Camila. 2009. *Do Passeio na Avenida à Balada no Prolonga: Sociabilidade no Espaço público. O caso da Avenida Getúlio Vargas, Chapecó (SC)*. [Tese de Mestrado em Antropologia Social Não Publicado] Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Arantes, Pedro. 2009 “Em Busca do Urbano: Marxistas e a cidade de São Paulo nos anos de 1970”. *Novos Estudos*, 83: 103-127.

Bénit, Claire e Morange, Marianne. 2006. “Domestic workers, job access and work identities in Cape Town and Johannesburg”, in Bekker, Simon e Anne Leildé, Anne (edit) *Reflections on Identity in Four African Cities*. African Minds.

Costa, Ana Bérnard. 2004. “As crenças, os nomes e as terras: dinâmicas identitárias de famílias na periferia de Maputo”. *Etnográfica* 8 (2): 335-354.

_____.2006. “Urbanos e rurais: circulação e mobilidade nas famílias da periferia de Maputo”, in *Revue Lusotopie* 13 (1): 147-162.

_____. 2011. *Famílias de Maputo: processos de mobilidade e transformações urbanas*. Lisboa: Centro de Estudos Africanos/ ISCTE-IUL.

_____ e Biza, Adriano. 2012. “Part One- Bairros, City and Coutry”, in *Ethnographic Report*. Maputo: Home Space.pp. 47-61.

_____. 2012. “Research background”, in *Ethnographic Report*. Maputo:Home Space.pp. 5-7.

Cardoso de Oliveira, Ricardo. 2006. “ O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”, in *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP.pp 17-35.

Carmo, Renato Miguel. 2009. “A construção sociológica do espaço rural: Da oposição à apropriação”. *Sociologias*, (21): 252-280.

Ferguson, James. 1992. “The Country and the City on the Copperbelt”. *Cultural Anthropology*, 7 (1): 80-92.

Ferro, Lígia. 2011. *Da rua para o mundo: configurações do graffiti e do parkour e campos de possibilidades urbanas*. [Tese de Doutoramento em Antropologia Urbana Não Publicada] Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa.

Fernandes, Mário e Mendes, Rui. 2015. “*Dicotomias*” urbanas em Moçambique: cidades de cimento e de caniço. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território.

Feldeman-Bianco, Bela. 1987. “Introdução” (org) *Antropologia das Sociedades Contemporâneas-Métodos*. São Paulo: Global Universitária.pp.7-48.

Gluckman, Max.1987. “Análise de Uma situação social na Zululândia Moderna”, in Feldeman-Bianco, Bela (org) *Antropologia das Sociedades Contemporâneas-Métodos*. São Paulo: Global Universitária.pp. 227-262.

Hansen, Karen e Vaa, Mariken. 2004. "Introduction", in *Reconsidering Informality Perspectives from Urban Africa*. Lusaka: Nordiska Afrikan institutet. pp. 7-24.

Hannerz, Ulf. 1999. "Os limites do nosso auto-retrato: antropologia urbana e globalização". *Mana*: 5 (1):149-155.

Jorge, Sílvia e Melo Vanessa. 2014. "Processos e Dinâmicas de Intercenção no Espaço Periurbano: O caso de Maputo". *Cadernos de Estudos Africanos*, 27: 56-77.

Loforte, Ana. 2000. "Mulher, Tradição e Modernidade". Carlos Serra. *Conflito e Misticagem*. Maputo: Imprensa Universitária. pp. 35-52.

Low, Setha. 1996. "The Anthropology Of Cities: Imagining and Theorizing the City". *Annual Review of Anthropology*, 25: 383-409.

Magnani, José. 1991. *A rua quinze, da praça, a praça: um exercício antropológico*. Panará: Pontifícia Universidade Católica do Panará.

_____. 2002. "De perto e de dentro: Notas para uma etnografia". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 49(17): 11-29.

Maloa, Joaquim, 2013. "A Gênese da Urbanização dual em Moçambique: exploração histórica para o debate da sua origem". *XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana*.

Marcone, Maria e Lakatos, Eva. 2009. *Metodologia do trabalho científico*. p.111. São Paulo: Editora Atlas. p.111.

Melo, Vanessa. 2013. "Urbanismo Português na cidade de Maputo: passado presente e futuro". *Revista Brasileira de Gestão* 1 (5): 71-88.

Meyers. Garth. 2011. "Introduction", in *African Cities: alternative visions of urban theory and practice*. London: Zed Books. pp. 1-25.

Micaelo, Ana. 2008. *Identidade, território e práticas familiares: a relação com a terra e a emigração em Sever do Vouge*. [Tese de Mestrado em Antropologia Social e Cultural Não Publicada]. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Mirole, Luciano. 2013. *Reconstrução e Manutenção da Identidade dos Migrantes de Nampula na Cidade de Maputo: O caso do bairro da Mafalala*. [Tese de Licenciatura em Antropologia Não Publicada]. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.

Oliven, Ruben. 2010. *Urbanização e Mudança Social no Brasil*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

Jenkins, Paul. 2015. “Para uma melhor compreensão da urbanização rápida na África Subsaariana”, in *Novas dinâmicas económicas, movimentos migratórios e a relação rural-urbano*. Maputo: Observatório do Meio Rural.

Paulo, Margarida. 2007. *O Sector Informal: contribuição das mulheres vendedoras de kapanka no bairro de Napipine, cidade de Nampula*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.

Parker, Robert. 1967. “A Cidade: Sugestões Para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano”, in Velho, Otávio. *Fenómeno Urbano*. Rio de Janeiro. pp.25-56.

Pina Cabral, João. 2009. “Reflexões Finais”, in Lima, António e Sarro, Ramon (org). *Terrenos Metropolitanos: Ensaio Sobre produção etnográfica*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais / Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. pp.117-192.

Puttergill, Charles. 2006. “Discourses on a changing urban environment reflections of middle-class white people in Johannesburg”, in Bekker, Simon e Anne Leildé, Anne (edit) *Reflections on Identity in Four African Cities*. African Minds.

Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van. 1992. *Manual de Investigação Em Ciência Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Raposo, Isabel et al. 2012. “Luanda e Maputo: inflexões suburbanísticas da cidade socialista á cidade-metrópole neoliberal”. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 2 (5): 189-205.

Santos, João et al. 2014. “Trabalhadores informais e a formação de redes socioprodutivas (RSP): considerações teórico-empíricas”. *Contemporânea* 2 (4): 325-350.

Silva, Arménio. 2011. *Dinâmica Socioespacial e Produção Habitacional na Periferia de Maputo-Moçambique a partir da década de 1970: destaque para os bairros Polana caniço “A”*

e “B”. [Tese de Mestrado em Geografia, Concentração em desenvolvimento Regional e Urbano Não Publicado]. Florianópolis: Universidade Federal da Santa Catarina.

Soares, Paulo.2000. “Tradição e Modernidade nas Artes Plásticas em Moçambique: autenticidade ou identidade?”, in Carlos Serra. *Conflito e Misticagem*.Maputo: Imprensa Universitárias.pp. 53-68.

Velho, Gilberto. 1978. “Observando o Familiar”, in Nunes, Edson de Oliveira. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.pp.1-13.

_____1994. “Unidade e Fragmentação em Sociedades Complexas” in *Projecto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.pp.11-30.

_____1994. “Trájectoria individual e campo de possibilidade” in *Projecto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.pp.31-48.

_____Kuschnir, Karina. 2001. “Apresentação”, in *Mediação, Cultura, e Política*. Rio Janeiro: Aeroplano Editora.pp. 9-11.

_____.2003. “Desafio da Proximidade”, in *Pesquisas Urbanas: Desafio do Trabalho Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores.pp11-19.

_____.2011. “Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras de conhecimento”. *Mana*,17 (1):161-185.

Samain, Etienne.1995. “Ver e dizer na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia”. *Horizontes Antopológicos: Antropolgia Visual*, 2 (1): 19-36.

Wirth, Louis. 1967. “Urbanismo como Modo de Vida”, in Velho, Otávio. *O Fenómeno Urbano*. Rio de Janeiro.pp. 89-112.

Referências documentais

Assembleia Municipal de Maputo.2000. Resolução N°19/2000 de 15 de junho (Aprova estruturação territorial do Município, em distritos Municipais e Bairros).

Bolentim da Republica de Moçambique. 1994. Diploma Ministerial N° 50/1994 de 13 de Abril (Estabelece critérios para estipulação de preços dos edifícios do Estado).

_____. 2014. Decreto-lei N° 1 / 2014 de 22 de Maio (Estabelece critérios de atribuição toponímica).

Conselho Municipal da cidade de Maputo. Perfil Estatístico do Município 2004 – 2007. Maputo.

_____.Projecto de Requalificação dos bairros da Polana Caniço A e B: Regulamento do Plano Parcial de Urbanização.

_____.2006. Regulamento Municipal de Toponímia. Maputo.

_____. 2008. Plano de Estruturação Urbana do Município de Maputo.

Jornal Notícias.2014. De Polana-Caniço só ficou o nome. (15.08.2014)

Notícias Moçambique . Jogador de futebol acusado de ser membro da quadrilha “homens catanas”. (01/10/2015).

O País.2012. Sommerchild II ‘pressiona’ e pode fazer desaparecer ‘Polana Caniço. (28.09.2012).

SapoNotícia. 2009. A história da Polana Caniço A.(19.10.2009).

VOA. Homens-catanas aterrorizam Maputo. (14/12/2015).

Vídeos

Magnani, José. 2015. “Antropologia Urbana”. *Youtube*. Palestra para alunos da Sociologia e Política de São Paulo. (42min:53seg).

Televisão de Moçambique 1. 2015. “Cresce negócio de casa no Bairro da Polana Caniço A”. *Youtube*.(7min10seg).

Miramar. “supostos ‘homens catanas’ agredidos na Polana Caniço A”. (16/10/2015).